



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS CURSO DE
LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS**

MANOEL ELIAS BENICIO FILHO

**AS IDENTIDADES SURDAS OBSERVADAS NOS ESTUDANTES SURDOS DO CURSO DE
LETRAS LIBRAS NA UFCG: UM ESTUDO DE CASO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2024**

MANOEL ELIAS BENICIO FILHO

AS IDENTIDADES SURDAS OBSERVADAS NOS ESTUDANTES SURDOS DO CURSO DE
LETRAS LIBRAS NA UFCG: UM ESTUDO DE CASO

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Esp. Ítalo Urbano Barros Fernandes.

CAMPINA GRANDE - PB

2024

B461i

Benicio Filho, Manoel Elias.

As identidades surdas observadas nos estudantes surdos do Curso de Letras Libras na UFCG: um estudo de caso / Manoel Elias Benicio Filho. – Campina Grande, 2024.

67 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras Libras) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Esp. Ítalo Urbano Barros Fernandes".

Referências.

1. Cultura Surda. 2. Identidade Surda. 3. Letras Libras. 4. Língua de Sinais. 5. Linguística. I. Fernandes, Ítalo Urbano Barros. II. Título.

CDU 316.723-056.263(043)

MANOEL ELIAS BENICIO FILHO

AS IDENTIDADES SURDAS OBSERVADAS NOS ESTUDANTES SURDOS DO CURSO DE
LETRAS LIBRAS NA UFCG: UM ESTUDO DE CASO

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de Letras – Libras da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial à conclusão
do curso.

Aprovado em 20 de maio de 2024.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

ITALO URBANO BARROS FERNANDES

Data: 03/06/2024 12:11:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Orientador

Prof. Esp. Ítalo Urbano Barros Fernandes (UAL/UFCG)



Documento assinado digitalmente

MICHELLE MELO GURJAO ROLDAO

Data: 03/06/2024 15:42:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Examinadora

Profa. Ma. Michelle Melo Gurjão Roldão (UAL/UFCG)



Documento assinado digitalmente

MILLENA SEVENTH DA COSTA RAMALHO

Data: 03/06/2024 17:11:44-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Examinadora

Profa. Esp. Millena Seventh da Costa Ramalho (UAL/UFCG)

Dedico este trabalho à minha família e amigos surdos.
Que esse texto possa auxiliar e ajudar outras pessoas na
busca por conhecimento, apesar das dificuldades
individuais de cada um.

“Libras é uma expressão do coração! Uma poesia e uma canção com as mãos” (Lana Prince Lindon).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me dar forças, sabedoria para alcançar meus objetivos e vencer os obstáculos que surgiram no decorrer dessa trajetória.

Minha família, especialmente à minha mãe, Terezinha Benício, que fez de tudo para me estimular e atravessar os momentos difíceis, sem ela isso não seria possível.

O meu irmão, Leonardo Campos, pelo companheirismo e incondicional apoio, sempre esteve presente quando mais precisei.

Agradeço a meu pai, que mesmo não estando presente na minha vida e nem telo conhecido foi um dos responsáveis por eu estar aqui hoje.

Agradeço a todos os professores que contribuíram de alguma forma para aquisição de conhecimento e troca de experiências, em especial aos professores surdos, que para além de ministrar aulas, são um modelo para me espelhar como futuro profissional.

Meu agradecimento especial ao meu orientador, professor Ítalo Urbano Barros Fernandes, pela paciência e valiosa contribuição no desenvolvimento do meu TCC, por me ajudar na construção desta pesquisa e orientar meu trabalho, obrigado por me manter motivado durante todo o processo.

Aos colegas de curso pelas contribuições durante essa trajetória, sem essa troca de experiências não teria evoluído durante o processo de formação.

Um agradecimento especial a minha noiva Emilly Soares, pelo incentivo constante e por estar sempre do meu lado, principalmente nos momentos mais difíceis, obrigado meu amor por acreditar em mim, seu apoio foi primordial nessa trajetória.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma participou nesse meu processo de formação.

RESUMO

A identidade surda se destaca pela visualização do sujeito de forma atuante na comunidade, destacando-se pelo uso da língua de sinais de forma a enfatizar seus traços culturais e a visão crítica de suas singularidades (Perlin,1998). Nesse contexto, este trabalho acadêmico tem como objetivo principal pesquisar as identidades surdas intrínsecas nos estudantes do curso de Letras Libras na Universidade Federal de Campina Grande -UFCG. Dando continuidade temos como objetivos específicos abranger, identificar e analisar essas identidades nas quais foram as influências para o desenvolvimento desse estudo. A presente pesquisa será baseada em um estudo de caso, do tipo descritivo exploratório, com uma abordagem qualitativa. Essa pesquisa foi direcionada a um grupo de seis alunos surdos, do curso de Letras Libras da UFCG/PB, que já concluíram a disciplina de “Língua, Cultura e Identidade surda”. O estudo das diferentes identidades surdas apresentadas na pesquisa nos apresenta a complexidade e a diversidade dessas identidades, que podem ser influenciadas por uma série de fatores ao longo da vida de uma pessoa surda. Sendo assim, a pluralidade presente no contexto interativo se destaca frente as interações por meio da língua de sinais e sua ação de mudanças e flexibilidade. Como problemática visualizamos as identidades surdas como não sendo estáticas, mas em constante evolução, influenciadas por experiências, contextos sociais e escolhas individuais. Nesse estudo, podemos perceber de acordo com os resultados, que torna-se necessário o fortalecimento das relações dos surdos ao desenvolverem ações afirmativas, consolidando uma comunidade e uma cultura singular que fortaleça assim uma ampliação de visão sobre o tema.

Palavra-chave: Cultura surda; Identidade surda; Letras Libras.

ABSTRACT

The deaf identity stands out for the visualization of the subject in an active way in the community, standing out for the use of sign language in order to focus on their cultural traits and the critical view of their singularities (Perlin, 1998). In this context, this academic work's main objective is to research the intrinsic deaf identities of students taking the Libras Literature course at the Federal University of Campina Grande - UFCG. Continuing, our specific objectives are to cover, identify and analyze these identities that influenced the development of this study. This research will be based on a case study, of an exploratory descriptive type, with a qualitative approach. This research was aimed at a group of six deaf students, from the Libras Literature course at UFCG/PB, who have already completed the "Language, Culture and Deaf Identity" course. The study of the different deaf identities presented in the research shows us the complexity and diversity of these identities, which can be influenced by a series of factors throughout a deaf person's life. Therefore, the plurality present in the interactive context stands out compared to interactions through sign language and its action of change and flexibility. As a problem, we view deaf identities as not being static, but in constant evolution, influenced by experiences, social contexts and individual choices. In this study, we can see, according to the results, that it is necessary to strengthen the relationships of deaf people when developing affirmative actions, consolidating a community and a unique culture that thus strengthens a broader vision on the topic.

KEYWORD: Deaf culture; Deaf identity; Libras Letters.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Sinal "Identidade Surda Política"	34
Figura 02 - Sinal "Identidade Surda Híbrida"	35
Figura 03 - Sinal "Identidade Surda Flutuante"	36
Figura 04 - Sinal "Identidade Surda Embaçada"	36
Figura 05 - Sinal "Identidade Surda Transição"	37
Figura 06 - Sinal "Identidade Surda Diáspora"	38
Figura 07 - Sinal "Identidade Surda Intermediária"	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Idade.....	43
Gráfico 02 - Sexo dos entrevistados.....	44
Gráfico 03 - Conhecimento de leis para os surdos.....	44
Gráfico 04 - Participação em associação e do movimento surdo	45
Gráfico 05 - Estímulo da cultura surda.....	45
Gráfico 06 - Ciência do português escrito e suas regras	46
Gráfico 07 - Fluência em libras.....	46
Gráfico 08 - Você nasceu surdo?	47
Gráfico 09 - Você nasceu ouvinte e depois perdeu a audição?	47
Gráfico 10 - Você sabe fazer leitura labial?	48
Gráfico 11 - Você é oralizado?.....	48
Gráfico 12 - Você se comunica bem com ouvintes que não utilizam a libras	49
Gráfico 13 - Você se aceita como surdo?	49
Gráfico 14 - Você se sente inferior aos ouvintes?.....	50
Gráfico 15 - Você gostaria de ser ouvinte?	50
Gráfico 16 - Você prefere estar em um grupo de surdos ou ouvintes?	51
Gráfico 17 - Na infância você se comunicava bem com sua família?	51
Gráfico 18 - Você já foi chamado de louco e vivia preso dentro de casa?	52
Gráfico 19 - Você se comunica com surdos de outros estados, regiões e países?	52
Gráfico 20 - Você, desde a infância, teve contato com outros e com a libras?	53
Gráfico 21 - Você é deficiente auditivo (d.a)?	53
Gráfico 22 - Usa aparelho auditivo ou implante coclear?	54
Gráfico 23 - Você acha importante ter intérprete de libras?	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Identificação dos alunos entrevistados.....	41
---	----

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	14
2. CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO SURDO: CULTURA E IDENTIDADE.....	17
2.1. História dos Surdos no mundo.....	17
2.2. História do povo surdo no Brasil.....	24
2.3. Cultura surda e a Libras.....	25
2.4. Identidade surda: características e perspectivas.....	30
3.METODOLOGIA.....	39
3.1. Tipologia da pesquisa.....	39
3.2. Cenário da pesquisa e amostra.....	40
3.3. Instrumentos da pesquisa.....	42
4. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	43
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	57
APÊNDICE.....	63

1.INTRODUÇÃO

A identidade é uma característica da comunidade surda necessária para o bem estar pleno em relação a interação com o meio social, na qual sofre influências sociais e culturais que não contemplam suas subjetividades, conforme relata Sacks (2010). A ausência dessas noções de identidade podem trazer fatores prejudiciais para a vida e bem-estar como um todo. Uma vez que, a identidade surda é considerada um elemento essencial da comunidade e, para o bem-estar completo do indivíduo, é necessário que haja adaptação ao meio social (Quadros e Cruz, 2011).

Mediante esse contexto a presente pesquisa visa identificar como os surdos formam sua identidade, um processo que tem influência direta na aquisição da linguagem. Nesse sentido, foram selecionados alunos do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande -UFCG, no Campus Campina Grande no estado da Paraíba, por já terem sido expostos ao significado de identidade surda na disciplina de “Língua, Cultura e Identidade Surda”, com isso, descobrir com qual identidade cada aluno se identificava e os influenciava.

Este estudo tem como foco principal para contribuir no conhecimento de familiares ouvintes em relação a importância da aquisição da identidade surda que contemple todos os aspectos culturais desse grupo desde o seu nascimento, ajudando no seu desenvolvimento pleno, visto que mais de 95% dos surdos têm pais ouvintes. Conforme alguns estudiosos como Quadros (2005), Fernandes e Moreira (2014), Quadros e Cruz (2011), alguns familiares de surdos não têm conhecimento sobre a cultura surda, com isso desconhecem sobre as identidades e isso acarreta em problemas, pois quando um surdo não tem acesso desde cedo a sua língua, comunidade e cultura, pode prejudicá-lo no seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, desfavorecendo-o perante a sociedade ouvinte como relata Harrison (2000). Diante desse contexto, consideramos esta pesquisa relevante tanto para estimular o conhecimento sobre o tema, quanto para informar e divulgar, na comunidade surda, as diferentes identidades que esses indivíduos podem assumir, compreendendo suas particularidades.

Por meio da contextualização apresentada, surge o seguinte questionamento: Como as identidades surdas contribuem para a distinção das variantes de interação social do deficiente auditivo?

Nesse prisma temos como objetivo principal desta pesquisa investigar os diferentes tipos de identidades surdas em alunos surdos do curso de Letras Libras da UFCG/PB. Para alcançar o objetivo geral, propõem-se os seguintes objetivos específicos: compreender como essas identidades surdas são adquiridas no meio social em que vivem; identificar quais são os fatos influenciadores das identidades

surdas; analisar as respostas dos sujeitos surdos que responderam ao questionário ao apontar quais as similaridade e divergências entre eles em suas identidades.

Assim, para a este estudo, foram selecionados 6 estudantes surdos, 3 mulheres e 3 homens, do curso de Letras Libras da UFCG/PB, 3 deles ainda no processo de formação e 3 já concluinte do curso. Como pré-requisito, esses discentes deveriam ter cursado a disciplina de “Língua, Cultura e Identidade surda”, justificando-se, já terem conhecimento de forma mais aprofundada sobre as especificidades, significados de identidade e cultura surda.

Desse modo, a pesquisa parte de uma abordagem qualitativa, baseada em um estudo de caso do tipo descritivo exploratório, elaborada através de perguntas em formulário do *Google Forms*, com perguntas relacionadas ao objeto da pesquisa.

Os motivos para a realização dessa pesquisa incluem:

- a) Inclusão e acessibilidade: investigar a experiência de estudantes surdos em uma instituição de ensino superior que contribui para a promoção da inclusão e acessibilidade educacional.
- b) Desafios na educação superior: compreender os desafios específicos enfrentados por estudantes surdos no ambiente acadêmico, em situações que possam ajudar a identificar áreas que necessitam de apoio adicional e aprimoramento.
- c) Estratégias de sucesso: ao examinar o sucesso acadêmico e as estratégias utilizadas pelos alunos surdos, a pesquisa pode fornecer *insights* valiosos para melhorar o suporte educacional.
- d) Contribuição para a comunidade surda: a pesquisa pode beneficiar a comunidade surda, fornecendo informações que possam inspirar e ajudar outros estudantes surdos a buscar o ensino superior.
- e) Políticas de inclusão: a pesquisa pode informar políticas de inclusão e diretrizes educacionais, orientando a criação de ambientes mais inclusivos nas instituições de ensino superior.
- f) Conhecimento científico: contribui para o avanço do conhecimento científico no campo da educação inclusiva e da surdez, fornecendo dados empíricos sobre a experiência de estudantes surdos na universidade.
- g) Melhorias institucionais: Os resultados da pesquisa podem auxiliar a UFCG e outras instituições de ensino superior a implementar melhorias em suas práticas e serviços para atender às necessidades dos alunos surdos.

- h) Promoção da igualdade de oportunidades: a pesquisa pode contribuir para promover a igualdade e oportunidades educacionais para todos os estudantes, independentemente de suas diferenças linguísticas ou auditivas serem exploradas para estudos posteriores.

A presente pesquisa teve como foco destacar a questão da identidade surda e como refere-se a uma característica dos indivíduos que a utiliza destacando sua visão sobre o mundo e assim facilitando interação em sociedade. É nesse contexto que se desenvolve a educação universitária dos estudantes surdos. A partir os estudos contemplados na disciplina “Língua, Cultura e Identidade surda”, como já mencionado, existe um conhecimento mais profundo sobre a história, cultura e identidade surda, o que estimula seu desenvolvimento social, fortalecendo suas vidas, carreiras profissionais, na qual desta-se a importância da língua de sinais (LS) e da cultura surda. Esse conhecimento adquirido fortalece a formação de professores surdos e aprimora as estratégias de ensino para crianças surdas.

O referencial teórico deste trabalho é respaldado em autores como Ciampa (1984/2005) e Perlin (1998/2005). Segundo a visão de Ciampa (1984), o autor compreende a identidade como metamorfose, sendo assim, as identidades estão em constante transformação, ou seja, é o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem.

Já para Perlin (1998), a visão enfatiza a diversidade dos surdos, com destaque a inexistência de um modelo de identidade único. Para abranger essa multiplicidade, o autor elabora categorias denominadas identidade surda política, identidade surda híbrida, identidade surda flutuante, identidade surda embaçada, identidade surda transição, identidade surda diáspora e identidade surda intermediária. As sete categorias de identidades surdas mencionadas acima serão exploradas de maneira mais aprofundada no referencial teórico desta pesquisa.

Sendo assim, historicamente, os surdos são movidos pela característica humana da língua oral e carecem da cultura da língua falada, portanto sua identidade é dinâmica e seu movimento é caracterizado por um grupo linguístico da Libras para surdos. “Para uma melhor comunicação e aceitação das pessoas com deficiência auditiva a sociedade reconhece a importância do apoio às famílias, aos professores e aos intérpretes.” (Alvez *et. al*, 2010, p.12).

O resultado esperado nesse estudo é que a cultura surda se desenvolve em um ambiente onde haja troca de experiências visuais, o que está diretamente ligado a aquisição de suas identidades, dessa maneira a identificação das 7 identidades já catalogadas, aborda as especificidades de cada um para essa aquisição, como também conscientizar os familiares dos parentes surdos, para que entendam

como lidar com um indivíduo surdo e saber educá-los com as adaptações necessárias, como exemplo a inclusão da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Neste contexto, esta pesquisa está organizada em cinco capítulos. Além desta introdução, o trabalho é estruturado em mais quatro partes, além das considerações finais. No segundo capítulo, apresenta-se o referencial teórico, destacando os autores cujas pesquisas contribuem para o entendimento do tema proposto. O terceiro capítulo descreve a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa. No quarto capítulo é dedicado à análise dos dados, onde serão criadas categorias para discutir os dados coletados e o resultado da pesquisa. Por fim, as considerações finais na qual expõem a importância social da pesquisa.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DO POVO SURDO: CULTURA E IDENTIDADE

Esta seção direcionará nossos esforços em uma contextualização ampla sobre a nossa pesquisa, oferecendo, por conseguinte, um sólido embasamento para as conclusões que posteriormente se delinearão.

Para abordar nossa temática apresentaremos esse referencial teórico em seções como: história dos surdos no mundo; história do povo surdo no Brasil; cultura surda e a Libras; identidade sua com suas características e perspectivas.

2.1. História dos Surdos no mundo

Relatar a história dos relacionamentos surdos é refletir sobre um povo oprimido. A maior parte dos 700 milhões de surdos do mundo foram vítimas de divisão, a maioria foram expatriados pertencentes a grupos que não lhes permitem emergir como nações e povos. Sobreviventes do genocídio praticado por meio de escolas, famílias, comunidades e diversas políticas educacionais, sociais e linguísticas, tudo isso em muitas vezes, acompanhado por uma representação do sujeito colonial que elimina as pessoas surdas do contexto e voltar-se contra si próprios, torna-se um oposto, para justificar as violências e discriminações exercidas contra eles. Muitas gerações de estudantes surdos foram deformadas por estereótipos desse tipo, inclusive em livros didáticos (Strobel, 2009).

As raízes culturais que contribuíram para afirmação dos valores inerentes à identidade e alteridade dos povos surdos, até aqui lembrados, são múltiplas: do espírito dos surdos que sobrevivam a Paris ao espírito dos surdos que hoje continuam a luta pelo ser surdos as contribuições

dos povos surdos latino-americanos. Esses diversos fatores ficam gravados na memória da pessoa surda e podem despertá-la, acalmá-la e encorajá-la. Reconhecendo estes factos históricos, a sua jornada contínua em direção a uma nova ordem surda não pode ignorar o seu legado, dado que muitas das suas realizações na educação e na linguística se concentraram na sua sobrevivência. (Perlin; Strobel, 2006).

Adota-se, aqui, o conceito de identidade com base na discussão de Hall (1997, apud Perlin, 1998), que identifica três diferentes conceitos na história: o iluminista, o sociológico e o da modernidade tardia ou pós-modernidade. Neste trabalho, usaremos o conceito de identidade pós-moderna.

Perlin (1998, p. 52) reinterpreta a abordagem de Hall (1997, apud Perlin, 1998), considerando esse conceito como resultado de "identidades plurais, múltiplas; que estão em constante transformação, não são fixas, imutáveis, estáticas ou permanentes e podem até ser transitórias". Essa concepção de identidade é vista como algo em constante construção, em movimento, que leva o sujeito a diferentes posições na pós-modernidade.

Profundas transformações fragmentam e descentralizam o homem moderno, alterando o entendimento do ser humano sobre si mesmo e sobre o mundo que o cerca. Neste novo cenário, a identidade apresenta-se de forma plural e inconstante, deste modo, o sujeito se identifica com diversas perspectivas e possibilidades de construção e reconstrução de si mesmo, a partir da inserção em diferentes espaços e do acesso ao mundo globalizado (Hall, 1997).

A descentralização dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo, constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. Esses processos de mudança tomados em conjunto, representam um processo de transformação e nos leva a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada (Hall, 2006, p. 10-13).

Na obra de Hall (2005), a produção de identidade do sujeito ao longo da história é retratada a partir de três concepções de sujeito, destacadas pelas importantes transformações e rupturas vivenciadas pela sociedade, que tiveram como embasamento para construção identitária e para o seu processo de descentralização 3 tipos de sujeitos:

- a) Sujeito do Iluminismo: o sujeito iluminista estava baseado numa concepção de particularidade do indivíduo, a identidade seria uma espécie de essência do próprio sujeito. No século XVIII, este sujeito caracterizou-se pela sua racionalidade, por pensar e agir conscientemente, pautado no controle racional das suas ações e história era totalmente centrado na sua concepção de autenticidade. Com isso, estava preso às

tradições, a ideia de portar uma essência que se desenvolveria do seu nascimento até a morte fazia com que este indivíduo fosse “contínuo”.

- b) Sujeito sociológico: este sujeito foi definido pelas relações com o seu meio social, de acordo com a interação com outras pessoas, formado pela interação do “eu” com a sociedade, evidenciando-se a existência de pertencimento a grupos sociais. A centralidade agora está assentada no grupo na qual pertence, ou seja, o sujeito possui uma essência, mas essa é transformada pela interação com a sociedade. Fruto do mundo moderno, carregado de valores, sentido, símbolos e cultura.
- c) Sujeito pós-moderno: este sujeito baliza o conceito de identidade, deslocado, descentrado e sem certezas, assume diferentes identidades em diferentes momentos, reconhecidamente um sujeito modificado pelas mudanças estruturais, institucionais e culturais. A noção de identidade unificada e estável, se torna fragmentada, composta não de uma única, mas de várias identidades. Aqui o sujeito assume diferentes identidades nos diferentes momentos, unificados ao redor de um eu coerente.

Possuímos identidades contraditórias que nos empurram em diferentes direções de maneira que as identidades sejam praticamente deslocadas. A identidade não é algo inato ao ser humano, é formada ao longo do tempo, e a cultura não pode ser concebida como um processo homogeneizador que abrange a totalidade de uma sociedade, no jogo da desigualdade e da exclusão, que pressupõem, uma sociedade dividida em classes, não se pode definir elementos simbólicos comuns a totalidade dos membros da sociedade. Assim sendo, podemos identificar a pós-modernidade como um período onde as concepções nas quais baseamos nossa consciência e nossa ação deixam de ter a credibilidade que tinham, passam por uma crise, perdem legitimidade de ideias e os discursos últimos sustentam discursos menos fundamentais (Hall 2005).

Com base nesta concepção de identidade, consideramos a identidade surda como reprimida dentro da cultura ouvinte, constantemente em proximidade e em uma posição de dependência em relação ao outro surdo igual. “O sujeito surdo, em suas múltiplas identidades, está sempre em uma posição de necessidade diante da identidade surda” (Perlin, op. cit., p. 53).

Alguém que analisa mais de um objeto do um aspecto do conhecimento é o italiano, Girolamo Cardano, que viveu no século XVI, nos anos 1501 a 1576. Em suma, por meio de seus trabalhos nesta área, Cardano reconheceu que os surdos, apesar de não escutarem, tinham habilidades para a razão e a lógica, uma vez que, na época, a ideia contrária era a mais discutida. Hoje, depois de passados cinco séculos, essa ideia é ainda bastante clara e atual, visto que, cada vez mais, vemos surdos vivendo uma

vida normal em sociedade, o que não tem nada de errado.

A Profa. Dra. Gladis Perlin, que também estuda o tema da surdez, e é uma das mais reconhecidas especialistas brasileiras nesta área, propõe que existem 7 tipos de identidades surdas: Identidades surdas ou políticas, Identidades surdas híbridas, Identidades surdas flutuantes, Identidades surdas embaçadas, Identidades surdas de transição, Identidades surdas de diáspora, Identidades intermediárias.

Portanto, para que a construção da identidade surda ocorra, é fundamental o encontro entre surdos, já que temos observado, ao longo destes anos de interação entre professores ouvintes e professores surdos, que o interlocutor privilegiado da criança surda é o próprio surdo.

Os relatos históricos antigos revelam que algumas civilizações não consideravam os surdos como seres comuns e os excluíaam do convívio social. Por exemplo, “na Roma antiga, os surdos não apenas eram excluídos da sociedade, mas também chegavam a ser condenados à morte, independentemente de seu status social” (Strobel, 2008b, p.95).

Na Grécia, os surdos eram frequentemente vistos como indivíduos incompetentes. Por outro lado, no Egito e na Pérsia, os surdos eram considerados como divinos e eram respeitados, sendo vistos como comunicadores secretos entre os deuses e os faraós. Para a maioria das civilizações da época, os surdos não eram aceitos na sociedade, já que não eram reconhecidos como seres humanos (Carvalho, 2007).

Na Idade Média, de acordo com Capovilla e Raphael (2001), os surdos eram tratados como seres desprovidos de pensamento, não eram considerados dignos de viver e, assim como os condenados pela Inquisição, eram submetidos à execução na fogueira. A crença prevalecente era a de que os surdos não possuíam alma, o que os impedia de proferir sacramentos. Além disso, Carvalho (2007) relata que no contexto dos direitos civis, existiam leis que proibiam os surdos, inclusive, de receberem heranças.

Na Idade Moderna, a partir do século XV, nobres da época que tinham filhos surdos, preocupados com o estigma social e o medo de que seus herdeiros perdessem sua posição na sociedade, aproveitaram suas influentes conexões econômicas com a Igreja Católica para solicitar que enviassem seus filhos ao Monge Pedro Ponce De León. O objetivo era proporcionar-lhes a oportunidade de serem integrados à sociedade (Ramos, 2003).

De acordo com Strobel (2009) os monges na Itália faziam votos de silêncio, o que os levava a desenvolver uma linguagem de sinais para possibilitar a comunicação. Pedro Ponce De León também praticava o voto de silêncio e, ao longo do tempo, desenvolveu uma linguagem própria de gestos. Ele

passou a se dedicar ao ensino do sacramento e a promover a comunicação entre surdos e Deus, com isso o ajudava a manter próximos os pais da nobreza surda e a receber suas contribuições financeiras (Moura, 2000).

Pedro Ponce De León desempenhou um papel pioneiro na investigação da comunicação entre surdos, notabilizando-se por desenvolver um alfabeto manual. Além disso, estabeleceu a primeira escola para surdos em Madri, sendo amplamente reconhecido como o pioneiro da educação para surdos (Moura, Lodi, Hattison, 1997).

Conforme Gomes (2008), embora os progressos na pesquisa da comunicação com surdos tenham sido promissores, o alfabeto desenvolvido por León ainda não proporcionava uma plena capacidade de comunicação para os alunos surdos. Nesse contexto, o padre espanhol Juan Pablo Bonet desempenhou um papel fundamental, ao dar continuidade ao ensino e introduzir a datilologia, a oralização e a criação da escola de professores para surdos. As ações de Bonet representaram um avanço significativo ao elevar o status dos surdos na comunicação e ao reconhecer seu direito à herança, que antes lhes era negado (Jannuzzi, 2004).

Jon Bulwer foi um médico inglês e pioneiro no desenvolvimento de estratégias de comunicação, criando um método que exige grande empenho para que a linguagem de sinais se torne a primeira língua dos surdos (Soares, 1999). Na Idade Contemporânea, L'Épée, conforme indicado por Strobel (2009), fundou 21 escolas para surdos em França e em toda a Europa. Segundo Gremion, (1998, p. 47) foi a primeira vez na história que a comunidade surda já conseguiu a comunicação direta na sua língua materna, o que mostra o conhecimento de que a LS é parte integrante da vida surda desde o seu nascimento.

Em 1880 nos dias 6 e 11 de setembro, ocorreu em Milão o congresso que representou um grande retrocesso para a comunidade surda. A convenção proibiu de forma categórica o uso da Língua de Sinais. Houve no evento a participação de 182 especialistas ouvintes na área da surdez, provenientes de países como Alemanha, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Suécia e Rússia (Silva, 2006).

Durante o congresso, foram consultados doze especialistas no assunto, dos quais apenas três se posicionaram a favor do uso da língua gestual como meio de educação e inclusão dos surdos na sociedade. Esses defensores foram Edward Gallaudet, fundador da Gallaudet University, Thomas Gallaudet e Richard Elliot, um professor inglês (Cristiano, 2017).

Como resultado final, a maioria dos participantes do evento foram favoráveis ao oralismo, tal congresso resultou em oito resoluções que solidificavam a preeminência do oralismo:

- a) Ressaltava a superioridade do método oralista na educação dos surdos;
- b) Considerava o uso conjunto de gestos e oralidade prejudicial à leitura labial;
- c) Declarava que a maioria dos surdos não tinha instrução, sendo dever do governo essa educação;
- d) Informava que o método oral era a melhor maneira de ensinar pessoas surdas, associando palavras escritas com a fala, expondo desde cedo as crianças a gramática da língua escrita;
- e) Declarava que por falta de material didático, era dever dos professores desenvolver e publicar os materiais necessários;
- f) Comentavam que os surdos não perderam habilidades de fala e leitura labial, ao contrário só melhoraram, firmando que deveriam usar apenas a fala;
- g) Recomendaram a idade de oito a dez anos como a mais propícia para crianças surdas iniciarem na escola, dizendo ainda, que essa educação deve durar de sete a oito anos, com no máximo 10 alunos por turma;
- h) Estabeleceram gradualmente a mudança de método do uso da Língua de Sinais pelo método oral.

O impacto negativo do Congresso de Milão foi sentido em escala global, e estima-se que nos primeiros dez anos após o evento, a LS tenha sido praticamente erradicada. Nesse aspecto, resultou na saída de crianças surdas das escolas com qualificação insuficiente em todo o mundo. Somente após um período de cerca de 100 anos, iniciou-se um árduo processo de rejeição das resoluções do congresso. Foi somente em julho de 2010, durante o 21º Congresso Internacional de Educação de Surdos, realizado em Vancouver, Canadá, que ocorreu uma votação formal que finalmente rejeitou as oito resoluções do Congresso de Milão (Silva, 2006).

Aristóteles sustentava a visão de que os ouvidos eram os órgãos mais cruciais para a educação, portanto, surgiu a questão de como ensinar e educar um sujeito que não possuía a capacidade de ouvir e falar. A fala, frequentemente carrega estereótipos impostos pela sociedade, como a crença de que aqueles que não falam não podem interagir com os outros, esses argumentos eram comuns entre os autores da época, incluindo Aristóteles e outros filósofos de sua época (Santana, 2005).

Os estereótipos associados às pessoas surdas geralmente derivam do fato em que não compartilham uma das características mais marcantes da humanidade, que é a capacidade da fala. Os indivíduos surdos muitas vezes foram excluídos da cultura convencional dos ouvintes, o que levou ao desenvolvimento de uma cultura surda, que emergiu da necessidade de uma minoria que encontrava

identidade por meio da LS, formando grupos para facilitar a comunicação e promover a aceitação dentro desse contexto. Conseqüentemente, a cultura surda se desenvolveu e ganhou visibilidade significativa. Portanto, torna-se crucial a necessidade de ressignificar as identidades surdas (Santana, 2005).

Conforme os valores, símbolos e atitudes da comunidade surda se difundem, torna-se evidente a importância de apoiar a luta por cidadania em diversos setores da sociedade, isso inclui as famílias, os professores, os intérpretes e os amigos que conhecem a comunidade surda e demonstram empatia por ela. Conforme Santana (2005), nesse processo, as histórias de vida dos surdos começaram a se conectar e a se entrelaçar.

A criação de clubes e associações de surdos refletem o apoio concedido na construção das bases do caráter culturalmente aceitável da comunidade surda. Uma das manifestações desse caráter é a prática de batizar pessoas em LS que é compreendida como a atribuição de um nome em linguagem gestual (Lima, 2015). É através desse contexto histórico que o indivíduo surdo forja sua identidade surda, um processo em constante evolução que acompanha as mudanças no ambiente cultural estabelecido pela sociedade (Perlin, 2004).

O renascimento do reconhecimento das línguas de sinais, em particular da Língua de Sinais Americana - ASL, após quase um século de supressão e estigmatização, representou um marco importante na história da comunidade surda e na linguística. Antes desse período, as LSs eram frequentemente desencorajadas e, em muitos casos, proibidas em instituições de ensino e na sociedade em geral, principalmente devido a equívocos e estigmas relacionados à surdez (Stokoe, 1960).

Karin Strobel, em seu trabalho "A História da Educação de Surdos," relata que a mudança nesse cenário começou a ocorrer na década de 1960, em grande parte devido aos esforços do linguista William Stokoe, que desafiou a percepção predominante de que as línguas de sinais eram meros gestos desorganizados ou uma forma primitiva de comunicação. Stokoe (1960) conduziu minuciosas pesquisas sobre a ASL, demonstrando que ela possuía uma estrutura gramatical complexa e regras linguísticas consistentes, de maneira similar às línguas faladas.

A pesquisa pioneira de Stokoe (1960) desempenhou um papel crucial na consolidação da ASL como uma língua natural e independente, obtendo reconhecimento tanto das comunidades surdas quanto dos linguistas. Esse reconhecimento não apenas elevou o status das línguas de sinais em geral, mas também pavimentou o caminho para uma maior valorização da cultura surda e para a luta por direitos e inclusão.

William Stokoe, linguista americano, foi o primeiro a investigar as línguas de sinais

identificando que são línguas de fato. Ao analisar a ASL percebe uma estrutura, regras e todas as características das línguas orais. Para Stokoe (1960) existe um papel fundamental no processo de reabilitação das línguas de sinais após anos de supressão, possibilitando o reconhecimento e o respeito por essas línguas no âmbito acadêmico e, por conseguinte, na sociedade em geral. Quadros e Karnopp (2004, p.10) evidenciam que:

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema de línguas legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

No livro "*ASL - American Sign Language*," publicado em 1960, Stokoe delineou 19 configurações de mão distintas, 12 localizações diferentes e 24 tipos de movimentos como os elementos básicos dos sinais. Além disso, desenvolveu um sistema de notação para esses elementos (Quadros; Karnopp, 2004).

Após a pesquisa pioneira de Stokoe, análises das unidades mínimas formacionais dos sinais continuaram a se desenvolver. Na década de 1970, linguistas como Robbin Battison (1974), Edward S. Klima e Ursulla Bellugi (1979) introduziram a inclusão de informações sobre a orientação da mão e aspectos não manuais dos sinais, que abrangem as expressões faciais e corporais. Nesse sentido, os dois parâmetros foram incorporados aos estudos da quirologia dos sinais (Silva, 2019).

Assim, resumidamente, segundo Quadros e Karnopp (2004), diferentemente das línguas orais, compostas por fonemas orais, a LS tem estrutura fonológica manual, assim como tem o princípio da organização e a estrutura sintática de sinalização simultânea.

2.2.História do povo surdo no Brasil

No Brasil, as primeiras aulas voltadas para a educação de surdos envolveram a família de Dom Pedro II. Segundo Strobel (2007), o genro de Dom Pedro II, casado com a princesa Isabel, era parcialmente surdo, também podemos ressaltar o interesse pela questão da surdez. Destacando uma das primeiras iniciativas, Jullian (2008) revela que o imperador mostrou interesse ao convidar Edouard Huet para criar uma escola para surdos, localizada na então capital do Brasil, Rio de Janeiro (Reis, 1992). Desta forma, segundo Ronice (2017, p. 30) “o imperador Dom Pedro II, contratou o conde e professor surdo E. Huet, ex-diretor do instituto de Bourges, na França, para estabelecer a

primeira instituição educacional para surdos no Brasil.”

Por volta de 1857, foi estabelecida a primeira escola para surdos no Brasil, inicialmente denominada Instituto Imperial de Surdos-Mudos e atualmente conhecida como Instituto Nacional de Educação de Surdos -INES, localizada no Rio de Janeiro. O INES tornou-se uma instituição de referência para países vizinhos, atraindo constantemente estudantes em busca de educação na instituição (Rocha, 2019).

No ano de 1875, um ex-aluno chamado Flausino José da Gama publicou o primeiro livro para surdos no Brasil. Em 1923, surgiu a primeira Associação Brasileira de Surdos, fortalecendo ainda mais a comunidade surda e marcando um período em que diversas tentativas de promover mudanças e melhorias para a comunidade surda estavam ocorrendo (Rocha, s. d.). Finalmente, em 2002, foi estabelecida a regulamentação da Libras no Brasil, por meio da Lei 10.436, a partir desse marco histórico, foi moldada a identidade surda, marcada por experiências de sofrimento, lutas, conquistas e a consolidação de sua própria língua. Muitos surdos contribuíram para o desenvolvimento e promoção de sua língua e cultura, e é crucial nunca esquecer esse passado. Hoje, os surdos têm muitos direitos, mas a luta deve continuar, e importante expressar gratidão aos surdos e às pesquisas do passado (Brasil, 2002).

2.3.Cultura surda e a Libras

A noção de cultura parte da perspectiva de que o ser humano é um ser social e público, e, portanto, suas ações, pensamentos, construções e sentimentos são moldados pela relação com outras pessoas e o mundo ao seu redor. Nesse contexto, a visão de cultura discutida aqui envolve e promove a interação de todos os indivíduos por meio das interações sociais dentro de seus grupos sociais, conforme destacado por Santana (2007).

Os fenômenos culturais, da mesma forma que os fenômenos da língua, não podem ser considerados como entidades isoladas que se definem apenas dentro de sua própria natureza, como apontado por Caune (2014). Uma análise mais aprofundada nos leva à constatação de que a língua desempenha um papel fundamental ao proporcionar ao ser humano o acesso à cultura, moldando e direcionando sua experiência. Isso é evidenciado pela história de vida de muitos surdos em todo o mundo, que revela que somente quando têm acesso a uma língua, como a LS, passam a compreender o mundo ao seu redor, se sentindo inseridos cultural e socialmente (Laborrit, 2000).

A inserção sociocultural é um direito fundamental de cada comunidade, com base em sua

língua e interesses em comum, que lhes permite estabelecer relações significativas com seus membros (UNESCO, 1996). Isso implica que as comunidades têm o direito de se comunicar e compartilhar sua cultura por meio de sua língua, promovendo a inclusão e a preservação de sua identidade cultural.

De fato, o poder da linguagem e da cultura é evidente ao examinar a experiência dos surdos. A língua, no caso da LS, desempenha um papel crucial na construção da identidade e da compreensão do mundo. É por meio da língua que os surdos se reconhecem, se questionam, e interagem em sua comunidade. A cultura surda está intrinsecamente ligada à LS e à forma como influencia nas relações sociais, na comunicação e na compreensão do mundo ao seu redor (Caune, 2014; Laborrit, 2000).

A cultura surda, como descrita por Strobel (2008), é verdadeiramente rica e diversificada, indo muito além do uso da LS, abrange expressões faciais, linguagem corporal, desenhos, histórias, literatura surda e várias formas de comunicação visual. Portanto, a discussão sobre a cultura surda pode ser abordada de várias maneiras, e como mencionado por Santana (2007), há pelo menos duas abordagens principais para compreendê-la:

- a) Essa primeira abordagem argumenta que o fato dos surdos usarem uma língua minoritária (no caso, a LS) não é, por si só, suficiente para que possam ser considerados como tendo uma cultura distinta. Segundo essa perspectiva, os surdos compartilham o mesmo ambiente cultural e social que os ouvintes, e, portanto, fazem parte do âmbito cultural mais amplo que afeta a todos. Isso implica que a cultura surda não se diferencia substancialmente da cultura ouvinte predominante.
- b) A segunda perspectiva, no entanto, argumenta que a cultura surda deve ser vista de maneira mais complexa, indo além da simples questão da língua. Nessa visão, a cultura surda não se baseia em uma única formação cultural concebida, mas sim nas questões, desafios e problemáticas que envolvem a vida do indivíduo surdo, ou seja, busca representar o indivíduo surdo em sua totalidade, considerando não apenas a língua, mas também as questões culturais, sociais e identitárias que fazem parte de sua experiência de vida. Portanto, a cultura surda é compreendida como um conceito mais abrangente e multifacetado.

Essa diferença linguística proporcionada pela Libras, é um fator importante na afirmação da identidade cultural surda, pois permite que os surdos se identifiquem como usuários de uma língua distinta da maioria da sociedade, ao mesmo tempo em que compartilham o mesmo espaço social. A Libras desempenha um papel fundamental na construção da identidade surda e na promoção de uma cultura surda única e rica (Dizeu, Caporali, 2005).

É fundamental reiterar o que foi mencionado anteriormente que a LS é o principal meio pelo qual o indivíduo surdo se comunica e interpreta o mundo, resultando em suas interações baseadas em uma perspectiva visual, em outras palavras, sua maneira de perceber e de se relacionar com o ambiente, e, por conseguinte, a manifestação de sua cultura, são profundamente influenciadas por essa abordagem visual (Dizeu, Caporali, 2005). Destaca-se que o termo "LS" é um termo genérico que se aplica a qualquer LS em contexto mundial, no entanto, a "Libras" é uma língua específica usada no Brasil, com suas próprias características linguísticas únicas, conforme afirma Solé (1998).

No que diz respeito a esse aspecto, a literatura na área descreve o surdo como alguém com uma percepção visual aguçada, capaz de descrever e narrar cenas minuciosamente, sem perder nenhum detalhe. Isso nos leva a reconhecer que esses indivíduos têm uma maneira única de organizar seus pensamentos e interagir com o mundo ao seu redor (Sacks, 2010).

Essa habilidade é considerada uma resposta ao estímulo visual, compensando a falta de percepção ou memória auditiva, o que ajuda o indivíduo surdo a compreender e perceber o mundo ao seu redor. Esse fenômeno é abordado por Vygotsky (2007) quando ele discute o processo de compensação sensorial, que envolve o fortalecimento das capacidades sensoriais em resposta a dificuldades fisiológicas em um determinado sentido, quando a audição está ausente ou é impedida por outros sentidos.

Dentro da cultura surda temos a Língua Brasileira de Sinais -Libras que é a língua de sinais utilizada pela comunidade surda no Brasil. É uma língua natural, visual-gestual, que possui sua própria gramática, sintaxe, léxico e estrutura linguística única. A Libras é a principal forma de comunicação para muitas pessoas surdas no Brasil e é reconhecida como uma língua no país por meio da Lei nº 10.436 aprovada em 24 de abril de 2002.

Assim como as línguas faladas, a Libras é uma língua completa e complexa, capaz de expressar uma ampla gama de ideias e conceitos, na qual contempla gestos, expressões faciais e movimentos corporais para transmitir informações, ou seja, a principal ferramenta de comunicação para a comunidade surda brasileira (Brasil, 2002).

A Libras desempenha um papel fundamental na inclusão e na garantia dos direitos das pessoas surdas no Brasil, permitindo a comunicação efetiva e a participação em sociedade, além de ser ensinada em escolas especializadas e utilizada em diversos contextos, incluindo educação, serviços de saúde e interpretação, como relata Freire (2013).

O sujeito surdo é caracterizado como pertencente a uma minoria linguística, o que significa

que é reconhecido e validado por sua comunicação através de sinais e pela interação por meio de um idioma de modalidade visual-espacial. Em outras palavras, a percepção comunicativa do sujeito surdo é baseada na visão, sua expressão se dá por meio de gestos manuais realizados em frente ao corpo, acompanhados de movimentos e expressões faciais. De acordo com Luz (2013, p.18), compreender essa forma de surdez é essencial para reconhecer o sujeito surdo como parte de uma minoria linguística, como ressalta abaixo:

[...] a base sensorial, linguística e relacional de sua constituição psíquica e os modos pelos quais os surdos acontecem como alguém no mundo. A surdez, enquanto um dos elementos do seu conjunto corpóreo, é fator condicionante da existência dessas pessoas. Para os que experimentam a condição surda, o sentido visual ocupa lugar central no processo relacional de criação, interação e inserção no mundo. Esse tipo de surdez não é mero fator periférico ou acessório.

A identidade do surdo é intrinsecamente definida pelo uso de sua LS, tornando-a única e específica. Portanto, o falante de LS não é necessariamente aquele que nasceu surdo, uma vez que vários fatores influenciam a formação dessa identidade. Como mencionado anteriormente, o surdo é alguém que se comunica por meio de sinais, utilizando as mãos, o corpo e o rosto como meios de expressão, embora possa eventualmente recorrer à oralização (Lopes, 2004). No entanto, a LS é seu principal veículo de comunicação, isso difere daqueles com deficiência auditiva, que possam ter conhecimento em LS, mas utilizam predominantemente a oralidade como meio de comunicação e, frequentemente, podem perceber sons ou ouvir, muitas vezes com a ajuda de aparelhos auditivos. Além disso, a aprendizagem da LS por parte de surdos filhos de ouvintes nem sempre é permitida pela família, pois eles sentem a necessidade de que seus filhos utilizem a oralização para melhor se comunicarem com a família. (Luz, 2013).

A falta de conhecimento da Libras e a escassa compreensão da cultura e da comunidade surda por parte de familiares de pessoas surdas podem ser atribuídas a uma série de fatores complexos e desafios sociais. Segue algumas referências que explicam o problema:

- a) Falta de informação e educação: muitas famílias não têm acesso a informações adequadas sobre a surdez, a importância da Libras e a cultura surda, isso pode ser devido a deficiências no sistema educacional e de saúde que não priorizam a inclusão e a conscientização sobre a surdez (Oliveira *et al.*, 2017).
- b) Estigma e preconceito: existe um estigma associado à surdez em algumas sociedades, o que pode resultar em isolamento e discriminação. Familiares podem se sentir constrangidos ou receosos de aprender sobre a cultura surda devido a

preconceitos enraizados (Gordon Allport, 1954).

- c) Barreiras de comunicação: a falta de acesso a intérpretes de Libras ou outros recursos de comunicação podem dificultar a interação entre familiares e seus entes queridos surdos, o que pode diminuir a motivação para aprender Libras (Ramos, 2017).
- d) Desconhecimento de recursos: alguns familiares podem não saber onde encontrar recursos educacionais e de aprendizado de Libras, o que dificulta o processo de familiarização com a língua (Rodrigues *et al.*, 2018).
- e) Falta de políticas de inclusão: em muitos lugares, não existem políticas públicas eficazes que incentivem o ensino de Libras e a conscientização sobre a cultura surda (Silva *et al.*, 2019).

É importante superar esses desafios por meio da educação e da promoção da conscientização sobre a surdez e a cultura surda. A família capaz de se comunicar em Libras pode fortalecer os laços familiares, melhorar a qualidade de vida dos surdos e contribuir para a inclusão efetiva das pessoas surdas na sociedade (Skliar, 1997).

A tarefa de compreender e respeitar verdadeiramente a cultura surda representa um desafio considerável para os ouvintes. É essencial que os ouvintes reconheçam os valores surdos, incluindo a língua, cultura e rituais, atribuindo a esses valores uma origem profunda e transcendental que se manifesta na aceitação da identidade surda. Diante dessa perspectiva, é fundamental adotar uma linguagem que elimine qualquer relação de dominação e, ao invés disso, promova o respeito pela singularidade do surdo como "o outro", o diferente (Perlin, 2003).

Lustosa (2017) comenta em seu trabalho “Considerações sobre língua, cultura e sociedade” que surdos que nascem em famílias de surdos frequentemente são expostos de maneira natural à LS e a adquirem durante o período ideal. Além disso, crianças ouvintes que são filhas de pais surdos também têm acesso desde tenra idade a LS, tornando-se, assim, bilíngues bimodais. Desta forma Lustosa (2017) reforça que há também casos de surdos, filhos de pais ouvintes, que adquirem a LS tardiamente, mas demonstram uma notável capacidade de aprendizado, mesmo que tenham ultrapassado o período ideal para a aquisição da língua.

Essa realidade contrasta com a vivida por muitos outros surdos. Por exemplo, há surdos implantados, ou seja, aqueles que receberam o implante coclear, seja na primeira infância ou já na idade adulta. Existem também crianças surdas que não tiveram a oportunidade de acessar uma LS ou uma comunidade surda, bem como crianças surdas com outras deficiências e surdos que se comunicam principalmente por meio da oralização (Lustosa, 2017).

A oficialização da Libras como a primeira língua da comunidade surda no Brasil por meio da Lei 10.436/2002 e sua regulamentação pelo Decreto 5.626/2005 foram passos significativos na promoção dos direitos dos surdos. No entanto, como afirma Lustosa (2017) ainda não é suficiente para garantir que todos os surdos brasileiros tenham acesso à sua língua, pois, na maioria dos casos, a própria família, seja por falta de interesse ou desconhecimento, não busca conhecer ou aprender a LS, isso leva à constatação de que nem todos os surdos sabem se comunicar por meio de sua LS.

Conforme Strobel (2009), ao compreendermos melhor esse processo, chegamos à afirmação da identidade e à construção de uma cultura própria da comunidade surda. No caso do Brasil, um surdo fluente é aquele que utiliza a Libras para se comunicar, optando por sinalizar em vez de oralizar. Além disso, esse sujeito participa ativamente da comunidade surda, interagindo com seus pares, estudando a LS, engajando-se na causa surda, e tomando parte em eventos esportivos, sociais e culturais que representam sua comunidade linguística minoritária. Essas ações contribuem para a construção da identidade surda e fortalecem a cultura surda no Brasil.

2.4. Identidade surda: características e perspectivas

Segundo Benveniste, além das categorias, grupos e atividades específicas, existe um poder coeso que transforma um conjunto de indivíduos em uma comunidade e que possibilita a produção e a sobrevivência coletiva. Esse poder é a língua, desempenhando exclusivamente esse papel, uma vez que representa uma constância no seio de uma sociedade em constante mutação, funcionando como uma unidade que conecta atividades sempre diversas. A língua se torna uma identidade no meio das diversas individualidades (Benveniste, 2006).

Essa concepção nos conduz a ponderar sobre a importância e o impacto da língua na criação e fortalecimento da identidade de uma sociedade ou comunidade, conforme apontado por Benveniste (2006), a língua e a sociedade mantêm uma relação intrínseca, visto que a linguagem é o meio pelo qual os seres humanos interagem, e, conseqüentemente, a sociedade está intimamente vinculada à língua. Vale ressaltar que ao longo da história, essas duas entidades evoluem em graus distintos, sendo a sociedade uma característica inerente à língua.

No entanto, em seu âmago, tanto a língua quanto a sociedade são heranças naturais não suscetíveis de serem alteradas pela vontade ou desejo individual, o que pode sofrer alterações na língua são em suas possibilidades de uso, ou seja, a variação na utilização de expressões, o que culmina na emergência de novas formas de utilização e de significado (Benveniste, 2006). Desta

forma, segundo Benveniste (2006) a língua e a sociedade se dão de forma natural ao ponto de não sabermos identificar ao certo quando começaram o princípio da coletividade e da individualidade, o que muda são as instituições e nenhum homem acompanha essa mudança de perto, pois se dar com a passagem do tempo.

De forma similar, o mesmo princípio se aplica à língua, na qual o que se altera são as designações, a forma ou a maneira pela qual os seres humanos se organizam socialmente, o que difere da maneira como a língua se estrutura. No entanto, ao mesmo tempo, é sabido que, assim como a sociedade, a língua também se organiza, gera mudanças, transforma-se e diversifica os modos de subsistência (Benveniste, 2006).

A língua desempenha o papel de um instrumento de comunicação para todos os membros da sociedade, graças às suas propriedades semânticas, isto é, à sua capacidade intrínseca de produzir significado. Segundo Benveniste (2006, p. 99-100) "a língua é, necessariamente, a ferramenta adequada para descrever, conceitualizar e interpretar tanto a natureza quanto a experiência, e, portanto, é através dela que se pode compreender tanto a natureza quanto a experiência da sociedade". Também para Benveniste (2006, p.95) "a questão da língua indica-se como uma forma de preservação e em sociedade sua ação é vital para o sucesso ou sua falha". Já para Saussure (2006, p.33) "a língua é um produto social, convencionalizado pelos membros de uma comunidade, e, portanto, é distinta da linguagem em si".

A identidade é um processo individual influenciado por fatores sociais como família, amigos, escola e igreja, na qual todos esses elementos afetam nesse processo que depende do contexto em que a pessoa está inserida. Nesse intuito, a construção de uma identidade inicia a partir das relações com os diversos componentes da sociedade e, dependendo dessas interações, podendo permanecer a mesma ou haver mudanças (Marcia, 1966). Sublinham Berger e Luckmann (2004) que a identidade é formada por processos sociais, uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Também vale resaltar que "os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social" (Berger e Luckmann, 2004, p.179).

A origem da palavra "identidade" é de fato derivada do latim, formada a partir do termo "idem," que significa "o mesmo," e do sufixo "-dade," que denota "modo de ser" ou "qualidade." Portanto, "identidade" é resultado da combinação de "idem" e "-dade," significando essencialmente "o estado ou qualidade de ser o mesmo" ou "a característica de ser idêntico" (Hall, 2006).

Para Stuart Hall (2011), existem três tipos de identidades de acordo com períodos históricos: identidade do sujeito iluminista, entendida como pertencente ao homem desde o seu nascimento até

a morte; identidade do sujeito sociológico na idade moderna, na qual o homem acreditava que exista uma identidade interior, mas podia mudar relação entre o sujeito e sociedade; por fim, identidade do sujeito pós-moderno da atualidade, que passa a ser construída de várias partes, na medida que o sujeito pode ter várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas, também define as identidades culturais como as que surgem de culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

A identidade se constrói por afinidades existentes entre pessoas, grupos distintos, regiões, nacionalidades e se estreitam de acordo com contextos sociais, religião, etnia, sexualidade, entre outros. Assim, de acordo com Gomes (2013, p.35), a identidade é construída pela cultura de um povo ou coletividade:

[...] cultura é a identidade de um povo ou de uma coletividade, que se forma em torno de elementos simbólicos compartilhados. Esses elementos, em que se incluem os valores, permitem a coletividade pairar acima das diferenças que a dividem – seja de classe social, religião, etc. Em contraste com outros povos ou coletividades, esse conjunto simbólico é que diferenciaria uma coletividade de outras, cada uma com seus respectivos conjuntos simbólicos. Essa acepção é muito usada para se compreender as diferenças, identidades e lealdades que existem entre os povos. Frequentemente essa acepção de cultura é usada para se dizer que o Brasil é o que é pelo “jeitinho” de fazer as coisas; ou, por outra, o Brasil só se une, só se identifica na totalidade em torno de instituições ou festas como o carnaval ou o futebol, neste caso especialmente na época dos jogos de Copa do mundo.

Nesse prisma, a identidade se forma também através de trocas entre os indivíduos, realizadas com o compartilhamento de compatibilidades. De acordo com Kuper (2002), o indivíduo descobre sua identidade dentro de si, desta maneira se identifica com seus pares com características similares, assim se descobre pertencente a uma coletividade, como uma nação, grupos minoritários, movimento religioso, dentre outros.

A construção de uma identidade é controlada socialmente, isso porque nem todos têm as mesmas oportunidades de aprendizado, muitas vezes é negado ao indivíduo o acesso ao grupo que pertence, ficando preso ao contexto social familiar que não contempla as necessidades de aquisição de uma identidade própria, o que leva à construção de identidades diferentes que podem ser vistas como “estranhas” ou “desviantes”. Audre Lorde (1992, p.47), exemplifica com o caso a seguir:

Como uma mãe – feminista socialista, lésbica, negra, de 49 anos – de duas crianças, incluindo um menino, e como membro de um casal inter-racial, com muita frequência vejo-me como pertencendo a um grupo definido como estranho, desviante ou inferior ou simplesmente errado.

A identidade de uma pessoa é construída de muitas maneiras, sofre influência inicialmente na

família e posterior da sociedade. Os sujeitos acabam encontrando grupos que os adequem e a partir daí, adquirem uma identidade com necessidades em comum. Entretanto, muitas vezes, sujeitos são privados do pertencimento em seus grupos e acabam prejudicados por uma aquisição de identidade que os contempla, como no caso das pessoas surdas que não tem contato com sua comunidade, viabilizando o surgimento de diversas identidades desfavorecendo suas subjetividades.

A compreensão da identidade de um surdo é influenciada por diversos fatores, como a família, amigos, o ambiente social em que vive, a presença de outros surdos, suas experiências surdas, cultura, língua, entre outros. Todos esses elementos desempenham um papel importante na formação da identidade singular de um surdo Perlin (1998).

A relação entre identidade e cultura é indissociável, pois estão interligadas: a identidade atua como o agente, enquanto a cultura é o elemento reagente desse processo. No dia a dia, os indivíduos estão imersos em diversos grupos sociais, como escola, família, trabalho, igreja e amizades. Nesse contexto, absorvem informações comportamentais e ideológicas de forma voluntária ou involuntária, o que contribui para o desenvolvimento de suas características individuais. Em resumo, o desenvolvimento da identidade é profundamente influenciado pelas interações sociais e experiências pessoais presentes nos meios culturais em que estão inseridos (Hall, 2006).

Nesse contexto, a identidade pode ser conceituada como uma característica inerente à natureza humana, moldada por meio de um processo sociocultural, processo este que resulta em um conjunto único e relativamente estável de comportamentos, pensamentos e atitudes, que são exclusivos a cada indivíduo (Lévy, 1996).

De forma análoga ao conceito de identidade, Araceli Santana (2020), nos leva a refletir que a Identidade Surda se constitui a partir do conjunto de influências e experiências adquiridas por um surdo na comunidade surda. Essas experiências, com ênfase no aspecto visual do artefato cultural, resultam em uma diversidade de outras identidades nas quais os surdos podem ser categorizados. De acordo com Perlin (1998), existem 7 tipos de identidades surdas que contribuem para a formação de um espaço cultural diversificado dentre as quais: Identidade surda política; Identidade surda híbrida; Identidade surda de flutuante; Identidade surda embaçada; Identidade surda transição; Identidade surda diáspora; Identidade surda intermediária. O sujeito que tem a identidade surda se comunica apenas em língua de sinais, apresenta características culturais e uma maneira de estar no mundo que se baseia na visualidade, além de defender e lutar pelo direito de manifestar sua diferença e de vivenciar a cultura surda. Abaixo podemos identificar o signo de “Identidade Surda Política”:

Figura 01 - Sinal "Identidade Surda Política".



Fonte: Mateus *et al.*, 2022.

Observando o sinal de Identidade Surda Política relatamos que essa identidade é caracterizada por indivíduos com personalidade forte, que batalham pelos seus direitos próprios e pelos da comunidade surda. Esses sujeitos possuem um profundo conhecimento das leis relacionadas aos surdos, embora possam ter pouca ou nenhuma habilidade na língua portuguesa escrita ou falada, mas são fluentes em Libras, também são influenciadoras e estrategistas que buscam fortalecer a participação cultural da comunidade surda como um todo. É de extrema importância para os surdos terem orgulho de sua identidade, lutarem por seus direitos, conhecerem as leis com o apoio da comunidade surda em geral, além de buscarem estratégias para melhorar a qualidade de vida dos surdos. Essa identidade deve ser cultivada por todos os surdos, sendo essencial o conhecimento da cultura e o orgulho de ser surdo (Mateus *et al.*, 2017). Logo abaixo visualizaamos o sinal de “Identidade Surda Híbrida”:

Figura 02 - Sinal "Identidade Surda Híbrida".



Fonte: Mateus *et al.*, 2022.

A “Identidade Surda Híbrida” é frequentemente representada por indivíduos que nasceram ouvintes, porém perderam a audição devido a doença ou acidente. Essas pessoas transitam entre dois universos linguísticos, demonstrando proficiência tanto no português escrito quanto na Libras, além de dominarem a leitura labial. Nesse interim, não enfrentam dificuldades na comunicação com pessoas ouvintes, sendo capazes de compreender e serem compreendidas, aceitam sua identidade surda e reconhecem a importância de possuir conhecimento tanto na língua oral quanto na LS. Essa jornada é significativa, uma vez que, após a perda da audição aprendem a se comunicar por meio da LS e abraçam sua identidade surda, permitindo a comunicação em ambos os mundos linguísticos (Mateus *et al.*, 2017). Vejamos agora o sinal de “Identidade Surda Flutuante”:

Figura 03 - Sinal "Identidade Surda Flutuante"



Fonte: Mateus *et al.*, 2022.

Para a “Identidade Surda Flutuante” existem surdos que mantêm distância da comunidade e da cultura surda, por se sentirem constrangidos devido aos estereótipos associados às pessoas surdas, o que os leva a não aceitar a LS nem os intérpretes de Libras. Em vez disso, se identificam como ouvintes, envolvem-se no mundo dos ouvintes e se orgulham de sua capacidade de fala, por vezes, podem até sentir-se inferiores em relação aos ouvintes por não conseguirem acompanhar completamente o que a cultura ouvinte oferece. Essa identidade é frequentemente moldada pela influência da família, que pode inicialmente buscar orientações médicas sobre como melhorar a oralização, recorrendo a implantes cocleares e aparelhos auditivos. Em muitos casos, a família não recebe informações sobre a importância de aprender a LS (Libras) e o desenvolvimento dessa habilidade, isso pode levar à relutância em aceitar a Libras e intérpretes, o que pode ser prejudicial para a comunidade surda. Vejamos logo abaixo o sinal de “Identidade Surda Embaraçada”:

Figura 04 - Sinal “Identidade Surda Embaraçada”.



Fonte: Mateus *et al.*, 2022.

Na “Identidade Surda Embaçada” os surdos acabam não se encaixando em nenhum dos mundos, pois não dominam a LS nem o português. Geralmente, suas famílias não receberam orientação adequada sobre como lidar com a educação de uma criança surda. Como resultado, esses surdos muitas vezes se encontram em situações de isolamento, confinados em casa e submetidos ao controle de cuidadores, e em algumas circunstâncias podem levá-los a serem considerados como "loucos" e a terem suas decisões tomadas por terceiros. A falta de orientação apropriada ainda é um problema no Brasil em que algumas famílias não saibam como lidar com a surdez de um membro e acreditem que a pessoa surda seja incapaz, isso pode ocasionar frustração nos surdos, que lutam para se comunicar e são mal compreendidos (Mateus *et al.*, 2017). Observamos agora o sinal de “Identidade Surda Transição”:

Figura 05 - Sinal “Identidade Surda Transição”.



Fonte: Mateus *et al.*, 2022.

Já a “Identidade Surda Transição” geralmente, se manifesta em surdos que cresceram em famílias de ouvintes, sendo criados na cultura ouvinte. No entanto, posteriormente, se conectam com a comunidade surda e desenvolvem sua identidade surda ainda que tardiamente. Quando isso acontece, os surdos passam por uma fase de transição, onde têm que lidar com o conflito entre a cultura ouvinte que já está enraizada e a nova identidade surda que estão adotando. Essa transição pode ser desafiadora, e os surdos que vivenciam essa situação frequentemente enfrentam uma luta interna. A falta de contato com a comunidade surda desde o nascimento, muitas vezes devido à falta de conhecimento por parte da família, pode resultar no atraso para a adoção da identidade surda. A situação pode ser prejudicial para a vida desses surdos, destacando a importância do estímulo desde a infância (Mateus *et al.*, 2017). Na figura abaixo, avistamos o sinal de “Identidade Surda Diáspora”:

Figura 06 - Sinal “Identidade Surda Diáspora”.



Fonte: Mateus *et al.*, 2022.

A “Identidade Surda Diáspora” é caracterizada por surdos que se deslocam entre diversas comunidades e culturas surdas em diferentes estados, países e regiões, o que leva a uma riqueza de experiências culturais. Nesse contexto, é valorizado o contato com outras culturas surdas, o aprendizado de diferentes línguas de sinais e o contínuo desenvolvimento pessoal (Mateus *et al.*, 2017). Na figura abaixo, percebe-se o sinal de “Identidade Surda Intermediária”:

Figura 07 - Sinal “Identidade Surda Intermediária”.



Fonte: Mateus *et al.*, 2022.

Ao concluir com a explanação sobre os tipos de identidades encerramos com a “Identidade Surda Intermediária” que envolve indivíduos com perda auditiva não profunda que utilizam aparelhos auditivos, resistem à assistência de intérpretes de Libras e não se inserem em comunidades surdas, muitas vezes demonstrando uma sensação de superioridade. A definição de sua identidade pode ser desafiadora, uma vez que não se identificam completamente como surdos ou ouvintes, isso ocorre frequentemente devido à falta de conscientização sobre a surdez, especialmente em casos de surdos nascidos de pais ouvintes. A detecção precoce da surdez é crucial para um desenvolvimento físico e psicológico saudável, e a classificação não impede que o indivíduo adquira diferentes identidades ao longo da vida, influenciado por suas experiências (Mateus *et al.*, 2017).

A criação de sinais das identidades surdas elaborados nas figuras acima pelos autores Juliana Fernandes Montalvão Mateus, Ana Regina e Souza Campello, Bruno Bueno Lima de Sousa, Ítalo Urbano Barros Fernandes (2017), se deu pela falta de construção anterior de sujeitos surdos e com a finalidade de registro dos sinais e suas respectivas significações. Em vista disso, destacamos a importância na elaboração dos signos específicos de cada identidade surda citada acima e suas características: em primeiro lugar, porque é criado por sujeitos surdos, estes são os únicos que devem desenvolver novos signos porque são os principais usuários da língua; em segundo lugar, pela divulgação, conhecimento pela comunidade surda das características de cada identidade como ocorreu seu processo de aquisição, trazendo para esse público a apropriação de suas histórias e dos processos pelos quais passaram para se tornar os sujeitos que são.

3.METODOLOGIA

3.1.Tipologia da Pesquisa

A presente pesquisa foi baseada em um estudo de caso do tipo descritivo exploratório, com uma abordagem qualitativa, realizado com um grupo de 6 alunos surdos estudantes do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Campina Grande-(UFCG que já concluíram a disciplina “ Língua, Cultura e Identidade Surda”. De acordo com Alves-Mazzotti (2006), o estudo de caso tem como objetivo entender com profundidade uma determinada condição que se supõe ser única em muitos aspectos, na tentativa de descobrir o que há de mais essencial e característico. Esse tipo de estudo pode focar em apenas uma unidade, um indivíduo, um pequeno grupo, uma instituição ou até mesmo um evento.

Martins (2016) afirma que o objetivo da descrição é descobrir e observar fenômenos

existentes, situações e eventos atuais, e descrevê-los, classificar, comparar, interpretar e avaliá-los para descrever situações específicas. Segundo Gil (2017), a pesquisa exploratória visa desenvolver, refinar, refinar conceitos e ideias, principalmente com o objetivo de formular problemas ou hipóteses mais específicas que possam ser exploradas para estudos posteriores. Uma abordagem qualitativa permite uma percepção mais precisa da realidade, aspectos do comportamento e atitudes do indivíduo. Segundo Malhotra (2012) a pesquisa qualitativa é necessária para a compreensão do problema porque esse tipo de pesquisa possui uma forma não estruturada na qual a subjetividade do sujeito em relação à realidade pode ser interpretada. Desta forma um estudo de caso tem como objetivo entender com profundidade como e porque de uma determinada condição que se supõe ser única em muitos aspectos, na tentativa de descobrir o que há de mais essencial e característico.

Neste sentido, esta fase do processo investigativo se propõe a estabelecer um diálogo crítico com os principais pensadores e pesquisadores que influenciaram nosso domínio de pesquisa, almejando a compreensão da progressão do conhecimento existente e a identificação das áreas que se encontram carentes de abordagens investigativas.

3.2. Cenário da pesquisa e amostra

A pesquisa foi realizada na cidade de Campina Grande no estado da Paraíba, no curso de Letras Libras da UFCG. O ambiente para este estudo, situa-se mais especificamente na Universidade Federal de Campina Grande -UFCG. Durante o período de realização da pesquisa, havia apenas cinco turmas que incluíam alunos surdos. No total, essas turmas contavam com 58 alunos, dos quais 17 eram surdos e 41 eram ouvintes. Os sujeitos da pesquisa foram entrevistados, especificamente, 3 homens e 3 mulheres, com idades entre 22 e 43 anos, três de períodos diferentes e de turmas diferentes. No período da pesquisa 3 entrevistados estavam em processo de conclusão de curso, destacando que se tratava do ano de 2023. A escolha dos entrevistados foi motivada por diversos fatores que podem enriquecer a pesquisa, como o fato de terem concluído a disciplina “Língua, Cultura e Identidade Surda”, além de terem um conhecimento aprofundado a respeito de cada uma das identidades. O quadro 01 apresenta os dados relacionados a identificação dos alunos entrevistados:

Quadro 01 - Identificação dos alunos entrevistados.

IDENTIFICAÇÃO DOS ALUNOS ENTREVISTADOS				
Aluno	Idade	Gênero	finalizou curso	Período
1	22	MASCULINO	NÃO	3 °
2	23	MASCULINO	SIM	-
3	24	FEMINIMO	SIM	-
4	26	FEMINIMO	SIM	-
5	29	FEMINMO	NÃO	9 °
6	43	MASCULINO	NÃO	9 °

Fonte: Diário de pesquisa do autor (2023).

Ao selecionar um grupo diversificado de estudantes surdos, a pesquisa busca representar uma amostra mais abrangente da população surda, isso pode fornecer uma visão mais completa das experiências, desafios e estratégias adotadas pelos estudantes surdos na universidade Cukierkorn (1996).

A inclusão de participantes de ambos os sexos (3 mulheres e 3 homens) possibilita a consideração de fatores de gênero em relação à experiência acadêmica de estudantes surdos (albres, 2005, p. 2).

A variação nas idades dos participantes permite investigar como as experiências variam entre diferentes gerações de estudantes surdos, considerando que as atitudes e as oportunidades educacionais podem ter mudado ao longo do tempo (Rosemberg; andrade, 2008).

O fato dos participantes estarem inseridos na UFCG é relevante, pois a pesquisa pode investigar como uma universidade específica lida com questões de acessibilidade e inclusão. O estudo de um grupo diversificado de alunos surdos em um contexto acadêmico específico contribui para ampliar o conhecimento sobre a inclusão de surdos no ensino superior e pode fornecer informações úteis para outras instituições educacionais (Brasil, 2006).

Em resumo, a escolha desse perfil de participantes enriquece a pesquisa, proporcionando uma compreensão mais abrangente e representativa das experiências e desafios enfrentados por estudantes surdos na universidade, ao mesmo tempo em que oferece insights valiosos para melhorar a inclusão e a acessibilidade no ensino superior.

3.3. Instrumentos da pesquisa

De acordo com Lakatos (2010) o instrumento de pesquisa é um excelente veículo para examinar questões sociais através de uma conversa entre duas pessoas. A coleta de dados será realizada através de questionário semiestruturado contendo 23 questões relacionadas a visão dos estudantes sobre sua vivência como pessoa com surdez, seus conhecimentos sobre as leis e sua perspectiva de vida. Segundo Rosa e Arnoldi (2006) e Luna (1988, p.71) referem-se à pesquisa como “uma atividade de investigação capaz de oferecer e, portanto, produzir um conhecimento novo a respeito de uma área ou de um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já se sabe”. Para Gil (1999, p.45) o conceito de pesquisa refere-se:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. [...] A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos [...] ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados. Pesquisa é, portanto, o caminho para se chegar à ciência, ao conhecimento.

Por meio da pesquisa serão utilizados diferentes instrumentos para se chegar a uma resposta mais precisa. É na entrevista que destaca-se a visão do indivíduo e suas formas de encarar o que está ao seu redor atentando para uma coleta de informações direcionadas ao foco em questão. Conforme Ribeiro (2008), o instrumento que o pesquisador utilizará para atingir resultados ideais será estipulado por ele mesmo.

A autonomia na escolha, flexibiliza a visão do pesquisador às suas necessidades, destacando desta forma uma maneira de abordar o problema em estudo de acordo com sua necessidade da pesquisa. Nesse caso, o foco será mais voltado às impressões dos estudantes sobre sua vivência como indivíduo surdo.

Desta forma, foi realizada um questionário por meio do *Google forms*, onde foi criado o formulário e agendado anteriormente com os entrevistados o envio do *link* para coleta das respostas. O objetivo principal foi recolher informações sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes e montar dessa forma uma visão sobre suas identidades surdas. A solicitação para a referida coleta também se dará por meio de ferramenta *online* de comunicação (*WhatsApp*). Com isso, foi acordado com os seis entrevistados no dia 19/09/2023, que o *link* contendo a entrevista seria enviado no dia seguinte, dia 20/09/2023. O *link* foi enviado para todos os alunos de uma só vez, sem a necessidade de reenvio ou esclarecimento de quaisquer problemas relacionados ao *link* ou à entrevista. Todos os

entrevistados confirmaram que não encontraram dificuldades para responder. Os alunos selecionados para responder a pesquisa tiveram como processo para inclusão o fato de serem surdos, terem a disponibilidade em responder e já terem cursado a disciplina de “Língua, Cultura e Identidade Surda”.

4. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O método de análise de conteúdo de Bardin (2016) é utilizado para análise qualitativa dos dados desta pesquisa. A análise de conteúdo é um conjunto de ferramentas metodológicas utilizadas em uma variedade de discursos para analisar a cognição e a comunicação nas formas descritas pelos participantes. Para tanto, para analisar os dados coletados, serão criadas categorias para que os dados sejam discutidos e analisados. Ao analisar o laudo do trabalho, podemos observar que as identidades surdas podem se manifestar em diversos e variados contextos. Para este estudo, escolhemos catalogar e quantificar essas identidades no contexto social dos estudantes da UFCG.

Gráfico 01 – Idade.

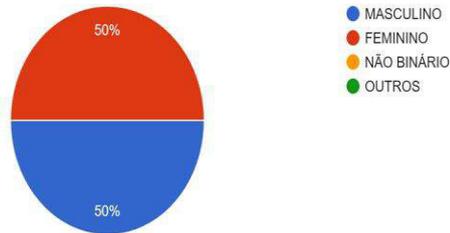


Fonte: Autoria própria (2023).

A idade dos 6 entrevistados abrange um intervalo de 22 a 43 anos, acrescenta uma dimensão significativa à pesquisa. Essa faixa etária diversificada representa diferentes estágios de vida e experiências de vida dos participantes. Logo abaixo, visualizamos informações sobre o sexo dos entrevistados:

Gráfico 02 - Sexo dos entrevistados.

2- Sexo
6 respostas

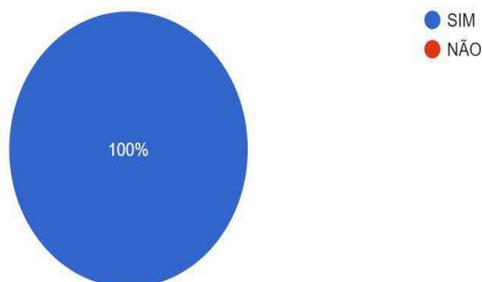


Fonte: Autoria própria (2023).

A pesquisa foi desenvolvida com 3 alunos do sexo masculino e 3 alunas do sexo feminino, o que acrescenta uma dimensão de gênero significativa à investigação. Essa distribuição equitativa dos gêneros tem implicações importantes e pode oferecer *insights* valiosos sobre como a experiência acadêmica de estudantes surdos pode variar de acordo com o gênero. No gráfico abaixo, verificamos o conhecimento dos surdos sobre as leis:

Gráfico 03 - Conhecimento de leis para os surdos.

3- Você conhece as leis para os surdos?
6 respostas



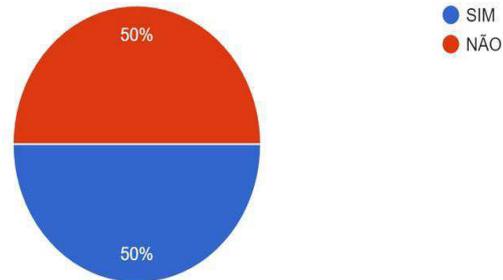
Fonte: Autoria própria (2023).

Percebemos que 100% afirmam conhecer as leis da comunidade surda, acredito que a inserção desses sujeitos na vida acadêmica tenha contribuído para a assertiva de 100%, pois no curso de Letras Libras os alunos passam a ter o conhecimento sobre seus direitos e deveres. De acordo com as respostas verifica-se que esses sujeitos podem estar incluídos na “Identidade Surda Política”, que tem como uma de suas características o conhecimento profundo das leis do povo surdo. No próximo gráfico observamos a participação em associação e do movimento surdo.

Gráfico 04 - Participação em associação e do movimento surdo.

4- Você participa da associação e do movimento surdo?

6 respostas



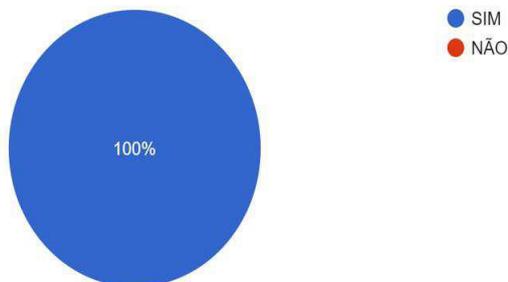
Fonte: Autoria própria (2023).

Observamos que 50% afirmam participar de associações e do movimento surdo e 50% não estão inseridos nesses espaços, as associações são importantes para o contato com as vivências surdas e incentivo da cultura e identidade. De acordo com as respostas 50% dos entrevistados se inserem na “Identidade Surda Política”. No gráfico abaixo, veremos o estímulo dos participantes sobre a cultura surda:

Gráfico 05 - Estímulo da cultura surda.

5- Você estimula a cultura surda, teatro, literatura, etc?

6 respostas



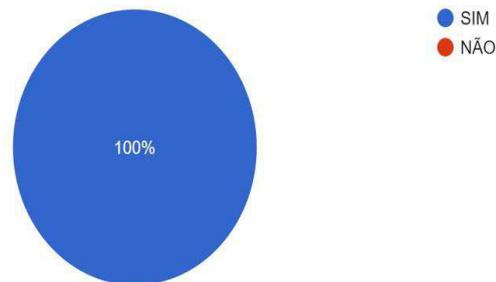
Fonte: Autoria própria (2023).

Nesse gráfico vemos que 100% afirmam incentivar a cultura surda e seu desenvolvimento, estimulando sua difusão. Conforme as respostas 100 % entrevistado se enquadra na “Identidade Surda Política”. No gráfico 06 averiguamos sobre o conhecimento do português escrito e suas regras:

Gráfico 06 - Ciência do Português escrito e suas regras.

6- Você sabe Português escrito e suas regras?

6 respostas



Fonte: Aatoria própria (2023).

Apesar de 100% dos entrevistados responderem que tem o conhecimento do português e suas regras, pesquisas mostram que grande parte dos surdos não tem esse conhecimento, com isso podemos concluir que essa resposta pode ter sido positiva por se tratarem de surdos no ensino superior. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019), diz que apenas 7% dos surdos tem ensino de nível superior, 15% do ensino médio, de mais de 32% não possuem escolaridade alguma. Nesse sentido, com as respostas de 100% dos entrevistado percebemos a “Identidade Surda Híbrida”, que tem como uma de suas características surdos que nascem ouvintes e perdem a audição com o tempo, por isso sabem bem o português escrito, porém isso não significa que surdos de nascença não possam também conhecer o português e suas regras. No gráfico 07 verificamos a fluência em Libras dos participantes:

Gráfico 07 - Fluência em Libras.

7- Você é fluente em Libras?

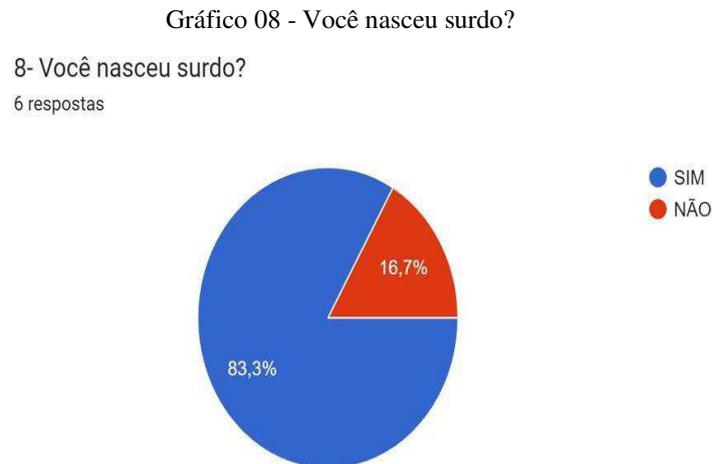
6 respostas



Fonte: Aatoria própria (2023).

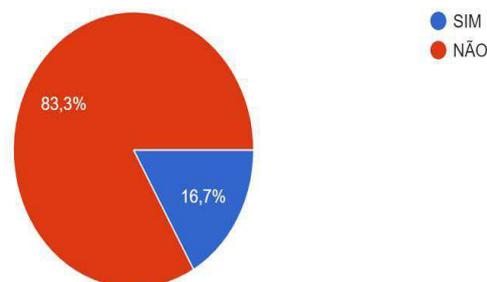
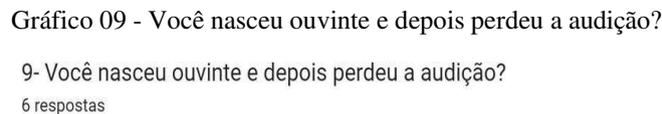
Dentro do mesmo recorte observamos os mesmos 100% dos entrevistados sabem libras fluentemente. De acordo com as respostas 100% entrevistados se inserem na “Identidade Surda

Política”. Agora no gráfico 08 gostaríamos de saber se cada entrevistado nasceu surdo:



Fonte: A autoria própria (2023).

Nesse gráfico 16,7% dos entrevistados perderam a audição com o tempo e 83,3% já nasceram surdos. Segundo as respostas, pode-se incluir esse percentual de 83,3% em diversas identidades, sem focar em nenhuma específica, porém 16,7% se inserem na “Identidade Surda Híbrida”, quem tem como característica nascer ouvinte e perder a audição gradativamente. Vejamos agora se os participantes quando ouvintes depois perderam a audição:



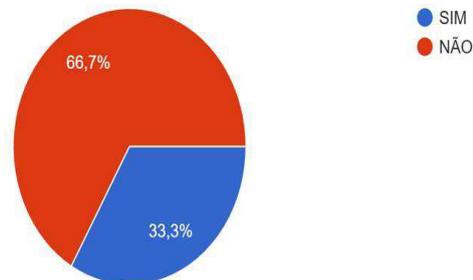
Fonte: A autoria própria (2023).

Observamos que 83,3% dos entrevistados responderam que são surdos de nascença, enquanto 16,7% perderam a audição durante a vida. De acordo com as respostas 16,7% se inserem na “Identidade Surda Híbrida”, quem tem como característica nascer ouvinte e perder a audição gradativamente. No próximo, procuramos saber se os entrevistados faziam a leitura labial:

Gráfico 10 - Você sabe fazer Leitura labial?

10- Você sabe fazer leitura labial? (boca)

6 respostas



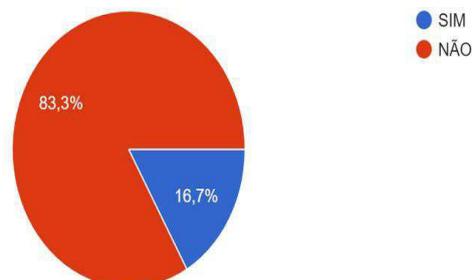
Fonte: Aatoria própria (2023).

Com relação a leitura labial 33,3% deles afirmaram saber fazer a leitura labial, consequentemente, 66,7% não sabem. Conforme as respostas 33,3% se inserem na “Identidade Surda Híbrida”.

Gráfico 11 - Você é oralizado?

11- Você é oralizado?

6 respostas



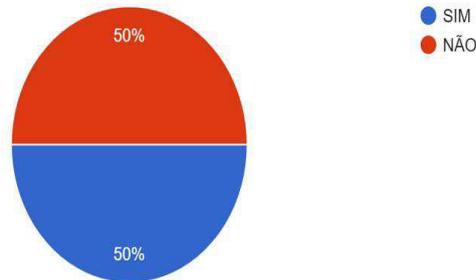
Fonte: Aatoria própria (2023).

Apenas 16,7% afirmam ser oralizados, sabem o português oral, e 83,3% não são oralizados. Sendo assim, as respostas 16,7% se inserem na “Identidade Surda Híbrida e Flutuante”, a flutuante tem como característica surdos que se sentem ouvintes e tem orgulho de ser oralizado. No gráfico 12, investiga se comunicam com ouvintes sem a Libras:

Gráfico 12 - Você se comunica bem com ouvintes que não utilizam a Libras.

12- Você se comunica bem com ouvintes que não utilizam a Libras?

6 respostas



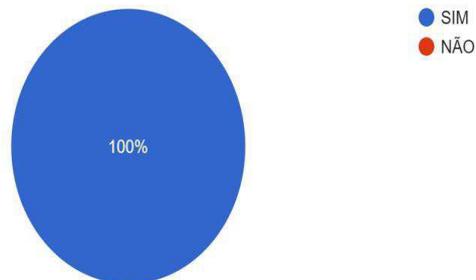
Fonte: Autoria própria (2023).

Dos entrevistados 50% afirmam que se comunicam bem com ouvintes não usuários da Libras, inferindo que sabem fazer leitura labial, enquanto 50% não tem uma boa comunicação com não usuários da Libras. Dentro as resposta analisadas 50% se inserem na “Identidade Surda Híbrida”. Já no gráfico 13, perguntamos se os participantes se aceitam surdos:

Gráfico 13 - Você se aceita como surdo?

13- Você se aceita como surdo?

6 respostas



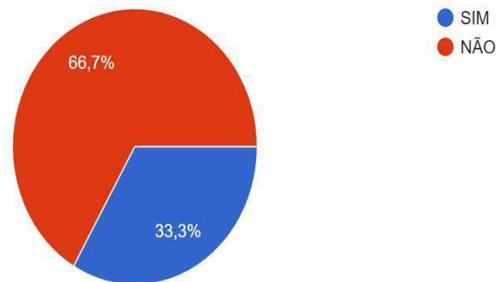
Fonte: Autoria própria (2023).

O orgulho de ser surdo diz respeito a sua aceitação como tal, de sua língua, cultura, identidade, modo de ser. Aqui verificamos que 100% dos entrevistados afirmam se aceitar como surdo, na qual se inserem na “Identidade Surda Híbrida e Política”. Para o gráfico 14, questionamos se sente inferiores aos ouvintes:

Gráfico 14 - Você se sente inferior aos ouvintes?

14- Você se sente inferior aos ouvintes?

6 respostas



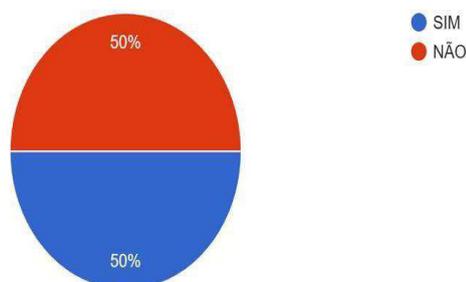
Fonte: Autoria própria (2023).

Percebemos que 66,7% dos entrevistados responderam que não se sentem de forma nenhuma inferior aos ouvintes e 33,3% se acham menos importante em relação aos ouvintes. Curioso que na pergunta 13, todos os entrevistados responderam se aceitar como surdo, dessa forma, nesta pergunta deveria estar como 100% não se sentirem inferiores a ouvintes, com isso os 33,3% se inserem na “Identidade Surda Flutuante”. No gráfico 15, tivemos a curiosidade em saber se os participantes gostariam de ser ouvintes:

Gráfico 15 - Você gostaria de ser ouvinte?

15- Você gostaria de ser ouvinte?

6 respostas

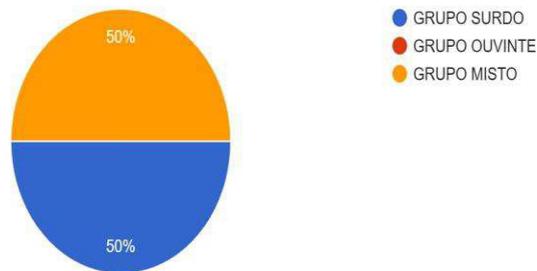


Fonte: Autoria própria (2023).

Neste gráfico, 50% gostariam de ser ouvintes e 50% se aceitam como pessoas surdas. É possível que a vontade de ser ouvinte por metade dos entrevistados seja pelas dificuldades e barreiras que passam durante a vida, sem uma inclusão que os contemplem como pertencentes socialmente, acredito que quando se tem acessos igualitários a surdez passa a ser apenas uma condição e não uma deficiência, com isso 50% dos entrevistados se inserem na “Identidade Surda Flutuante”. No próximo gráfico, questionamos se preferem conviver com grupos de surdos ou ouvintes:

Gráfico 16 - Você prefere estar em um grupo de surdos ou ouvintes?

16- Você prefere estar em um grupo de surdos ou ouvintes?
6 respostas

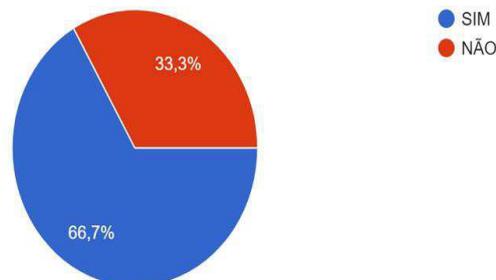


Fonte: Aatoria própria (2023).

Visualizamos que 50% dos entrevistados estão inseridos em grupos exclusivos de surdos e 50% em um grupo misto, de surdos e ouvintes. Conforme as respostas do gráfico 50% dos entrevistados se inserem na “Identidade Surda Flutuante” e 50% na “Identidade Surda Política”. No próximo gráfico gostaríamos de ver se na infância se comunicavam em sua família:

Gráfico 17 - Na infância você se comunicava bem com sua família?

17- Na infância você se comunicava bem com sua família?
6 respostas

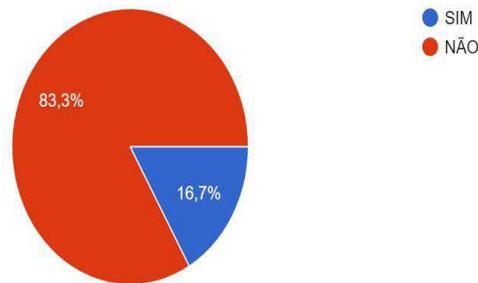


Fonte: Aatoria própria (2023).

Verificamos que 66,7% dos entrevistados afirmam que se comunicava bem com a família e 33,3% que não tinham uma boa comunicação. Esse é um fato curioso, quando sabemos que cerca de 95% dos surdos nascem em lares ouvintes, portanto infere-se que exista uma aquisição tardia da LS, por consequência um diálogo e uma interação fragilizada com a família. Por consequência os 66,7% dos entrevistados se inserem na “Identidade Surda Híbrida”. No gráfico 18, questionamos se já foram considerados loucos por viverem dentro de casa:

Gráfico 18 - Você já foi chamado de louco e vivia preso dentro de casa?

18- Você já foi chamado de louco e vivia preso dentro de casa?
6 respostas

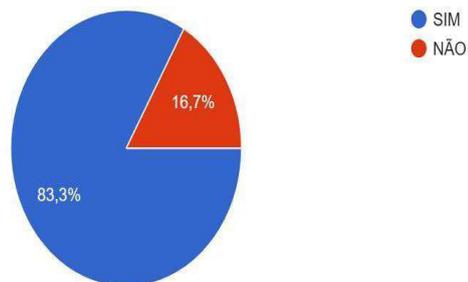


Fonte: Aatoria própria (2023).

O preconceito é uma constante na vida do surdo, porém a pesquisa mostra que apenas 16,7% dos entrevistados sofreram algum tipo de preconceito durante sua vida. Mediante esse resultado com as respostas de 16,7% dos entrevistados, são inseridos na “Identidade Surda Embaçada”, que tem como uma das características serem tratados como loucos e incapazes de tomarem decisões. Para o gráfico 19, gostaríamos de saber se os participantes se comunicam com surdos de outros estados, regiões e países:

Gráfico 19 - Você se comunica com surdos de outros estados, regiões e países?

19- Você se comunica com surdos de outros estados, regiões e países?
6 respostas

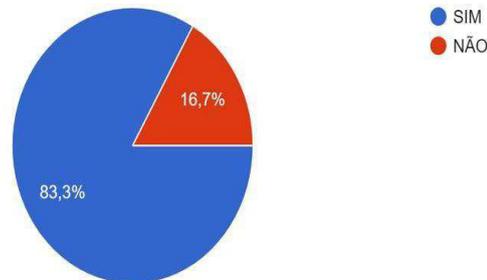


Fonte: Aatoria própria (2023).

Com isso verificamos que 83,3% afirmam ter contato com surdos de outras regiões e países, desse modo existe o contato com variações regionais da Libras no Brasil e com outras línguas de sinais. Temos como resultado que 83,3% dos entrevistados se inserem na “Identidade Surda Diáspora”, que são surdos que tem contato com outras variações da Libras por manter contanto com surdos de outras regiões, países e também por saber outras línguas de sinais. Para o gráfico 20, gostaríamos de saber como foi o contato com a Libras na infância:

Gráfico 20 - Você, desde a infância, teve contato com outros e com a Libras?

20- Você, desde a infância, teve contato com outros surdos e com a Libras ?
6 respostas

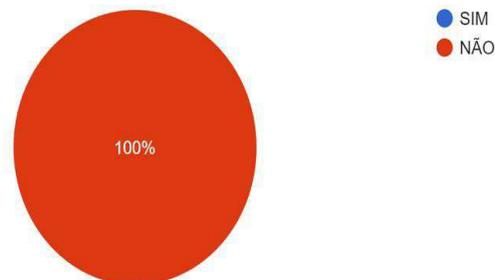


Fonte: Autoria própria (2023).

Percebemos que 83,3% dos entrevistados afirmam ter contato com outros surdos e com a Libras desde a infância, por isso estão inseridos na “Identidade Surda Transição”. No gráfico 21, questionamos se os participantes eram Deficientes Auditivos (D.A):

Gráfico 21 - Você é deficiente auditivo (D.A)?

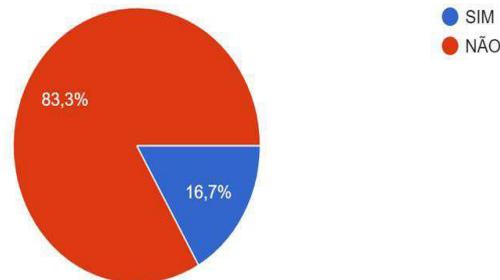
21- Você é deficiente auditivo (D.A)?
6 respostas



Fonte: : Autoria própria (2023).

A resposta dada pelos pesquisados de maneira unânime foi que nenhum se enquadra como D.A, ou seja, todos parecem ser deficientes auditivos profundos. Pessoas com deficiência auditiva podem ouvir algum tipo de som, ruído ou até mesmo ter resquícios da audição, ouvindo quando se fala muito alto. Segundo o IBGE (2019), há cerca de 2,3 milhões de pessoas no Brasil com algum grau de surdez. Como 100% dos entrevistados responderam não serem D.A, podemos supor que podem se inserir em várias identidades. Já na questão 22 vislumbramos a informação se os participantes fazem uso do aparelho auditivo ou implante coclear:

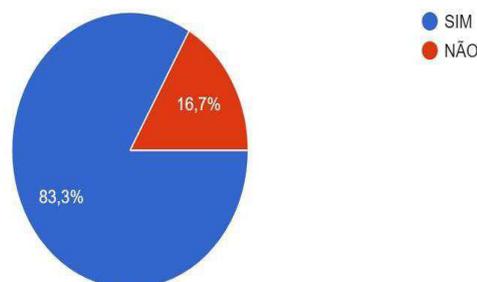
Gráfico 22 - Usa aparelho auditivo ou implante coclear?
 22- Usa aparelho auditivo ou implante coclear?
 6 respostas



Fonte: Autoria própria (2023).

Cerca de 83,3% afirmam não usarem equipamentos auditivos, 16,7% dizem usar um dos dispositivos. No Brasil de acordo com pesquisa realizada pela Agência Brasil Central (ABC) (2014) apenas 13% das pessoas com deficiência auditiva usam algum tipo de aparelho para surdez. A resposta dada pelos estudantes da pesquisa reforça esse percentual e são inseridos na “Identidade Surda Política”. Para concluirmos, encerramos com a questão 23 na qual gostaríamos de saber o que acham da importância do intérprete de Libras:

Gráfico 23 - Você acha importante ter intérprete de Libras?
 23- Você acha importante ter intérpretes de Libras?
 6 respostas



Fonte: Autoria própria (2023).

Observamos que 83,3% dos entrevistados afirmam a importância do intérprete de Libras para intermediar a comunicação com ouvintes que não usam a Libras, enquanto 16,7% não acham importante ter intérpretes para suas interações. A Libras é uma das bases da cultura surda e um importante meio de inclusão social. Os intérpretes são os profissionais responsáveis para interação social dos surdos e importantes principalmente para intermediar o acesso ao conhecimento, com isso são inseridos na “Identidade Surda Política”.

Após a análise dos dados, verificamos que os 6 alunos que responderam ao questionário, em sua maioria, deram respostas equivalentes. Assim, percebemos que as influências do ambiente a que pertencem pode contribuir para aquisição de uma ou mais identidades, normalmente uma se sobrepondo sobre a outra. Houveram algumas divergências em relação ao que já se saber sobre os surdos de forma geral. Na pergunta de número 6, quando perguntado se conhecem as regras e o português escrito, apesar de 100% dos entrevistados responderem que tem conhecimento do português e suas regras, dados IBGE (2019), diz que apenas 7% dos surdos tem ensino de nível superior, 15% do ensino médio, mais de 32% não possuem escolaridade alguma. É possível que os entrevistados não tenham entendido a pergunta ou podem apenas ter conhecimento e não prática.

Uma outra divergência é o fato de 100% dos entrevistados ter respondido na questão 13 que se aceitam como surdos, porém, na pergunta 15, 50% dos entrevistados, responderam que gostariam de ser ouvintes. De forma geral, os resultados mostram, que falta entendimento de algumas questões e que nem sempre as respostas condizem com a realidade. Essas discrepâncias destacam a complexidade da identidade surda e as nuances da autopercepção dentro da comunidade surda. A aceitação da surdez pode coexistir com um desejo de experimentar a audição, refletindo a diversidade de experiências e perspectivas dentro da comunidade surda.

De maneira geral, os resultados demonstram que, embora as respostas tenham sido, em grande parte semelhantes, há indícios da falta de compreensão de algumas questões e de que nem sempre as respostas refletem completamente a complexidade da realidade vivenciada pelos estudantes surdos na universidade. Essas divergências oferecem *insights* valiosos para futuras pesquisas e discussões sobre a identidade, a cultura surda e a educação inclusiva.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas identidades surdas apresentadas no estudo são bastante complexas e diversificadas, na qual segundo Perlin (1998) estão incluídas: Identidade Surda Política, Identidade Surda Híbrida, Identidade Surda Flutuante, Identidade Surda Embaçada, Identidade Surda em Transição, Identidade Surda Diáspora e Identidade Surda Intermediária. Essas categorias refletem diferentes níveis de conhecimento e aprendizado sobre a surdez.

Como foi relatado durante o estudo, a identidade surda não é estável, está em contínua transformação. Os surdos, assim como ouvintes sofrem diversas influências e por isso podem ter identidades diversas, ao se identificarem dentro de um grupo podem fazer suas escolhas identitárias,

mas, sem excluir o que já foi adquirido durante o tempo. Há que se respeitar as particularidades de cada identidade que vão surgir durante sua trajetória de vida.

Os surdos, quando engajados em suas comunidades têm possibilidade de trocar experiência com outros surdos, ao mesmo tempo com ouvintes, quando incluídos em espaços comuns. Nesse intuito, as relações são construídas identidades, as quais se produzem pela relação de poder estabelecidas tanto entre surdos e ouvintes quanto entre os próprios sujeitos surdos. Outrossim, para a construção destas identidades surdas prevalece sempre o espaço onde estes sujeitos estão inseridos, ou seja, se estão em constante contato com os seus pares surdos, sua língua, cultura, vai prevalecer a identidade surda (política), se estão inseridos em outros contextos, irão adquirir outras identidades já mencionadas, e, que nem sempre os favorecem para seu desenvolvimento como sujeito social.

A importância da pesquisa se faz necessária para que a sociedade, familiares de surdos, professores, entendam que é primordial a aquisição da identidade surda própria, com acesso a sua cultura e comunidade, para que esses sujeitos de apropriem desde o nascimento da forma correta de aquisição da identidade surda, que é o contato com outros surdos, com sua língua, comunidade e cultura. Desse modo sabendo como foi construída sua identidade e quais influências contribuíram para essa aquisição.

A pesquisa também pode servir como base e suporte para futuros estudos e pesquisas relacionados ao tema da identidade surda, pois oferece uma estrutura sólida para a compreensão das complexidades envolvidas na formação da identidade surda e pode inspirar pesquisadores a aprofundar ainda mais essas questões.

Além disso, a pesquisa contribuiu para conscientizar a sociedade em geral sobre as questões de identidade surda. Ao reconhecer as diferentes identidades surdas e a importância do respeito por essas identidades, esse estudo promoveu a inclusão e o empoderamento da comunidade surda, fundamental para criar um ambiente mais inclusivo, sensível às necessidades e aspirações das pessoas surdas.

Em resumo, este trabalho desempenha um papel fundamental na promoção da conscientização sobre a importância da identidade surda, na valorização da cultura, da Língua de Sinais (LS) e na criação de um ambiente mais inclusivo, ou seja, contribui para a formação de uma sociedade mais informada e sensível às questões das pessoas surdas, permitindo que se apropriem de suas identidades de maneira positiva e enriquecedora. Sendo assim, o presente estudo também estimula pesquisas futuras tendo em vista o tratamento destinado aos surdos, no estímulo à autonomia e na aquisição de sua própria identidade na convivência com outros surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLPORT, G. W. (1954). *The Nature of Prejudice*. Perseus Books Group.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Usos e abusos do estudo de casos. *Cadernos de Pesquisa*, v 36,n. 129, p.637-651, set./dez. 2006. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/cp/a/BdSdmX3TsKKF3Q3X8Xf3SZw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 de abril de 2023.

ALVEZ, Carla Barbosa; FERREIRA, Josimário de Paula; DAMÁZIO, Mirlene Macedo. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Abordagem Bilíngue na Escolarização de Pessoas com Surdez**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. v. 9. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar). 2008.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. GUIMARÃES, Eduardo et. al (Trads.). 2. Ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2006.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A Construção Social da Realidade*. Lisboa: Dinalivro, 2004.

BRASIL. Lei 10.436/02 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm

BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 16 Nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial no Brasil. (2006). *Evolução da Educação Especial no Brasil*. Recuperado em 13 maio, 2017, de <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>

CAPOVILLA, F.C.;RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingueda Língua de Sinais Brasileira**.v. 1. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

CARVALHO, Paulo Vaz. **Breve história dos surdos no mundo e em Portugal** . Lisboa: Surd'Universo. 2007.

CAUNE, Jean. **Cultura e comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação**. São Paulo: UNESP, 2014.

CIAMPA, Antonio da Costa. **Identidade**. In: W. Codo & S. T. M Lane (Orgs.).

CRISTIANO, Almir. **O Congresso de Milão**. Disponível em <https://www.libras.com.br/congresso-de-milao>. Publicado 17/05/17. (Tese de doutorado). Porto Alegre. UFRGS. 2003.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Unesco, 1996. Edição em

português, 2010. Disponível em:
https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por. Acesso em: out. de 2022.

DIZEU, L.C.T.B.; CAPORALI, S.A. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, 2005.

FERNANDES, S.; MOREIRA, L. C. **Políticas de educação bilíngue para surdos: o contexto brasileiro**. Educar em Revista, Curitiba, edição especial, n. 2, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.37014> Acesso em: 26 de abr. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2017.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: Ciência do Homem: Filosofia da Cultura**. 2. ed., 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo: diversidade e currículo**. Brasília: GREMION, 1998, p. 47 – araraazul.com.br/cadernoacademico/007_teseneiva.pdef. Acesso em 10/03/2024.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª edição. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

_____, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HARRISON, K.M.P. **O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento**. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.;

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5880/000521539.pdf> > Acesso em maio de 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,-2,-3,128&ind=4643>

JANNUZZI, G. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

JULLIAN, C. **Un héroe francés en el silencio: Eduardo Huet y la conformación de la identidad sorda en México**. 2008. p. 385-410.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

LABORIT, Emmanuelle. **Ó grito da gaivota**. 2. ed.. Título original: Le cri de Lamoette. SARMENTO, Ângela (Trad.). Lisboa-Pó: Caminhos, 2000.

CUKIERKORN, M. O. B. A escolaridade especial do deficiente auditivo: estudo crítico sobre

procedimentos didáticos especiais. 1996. Dissertação Mestrado em Educação Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1996. 120p.

ALBRES, Neiva de Aquino. A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS. 2005.

ROSEMBERG, F.; ANDRADE, L. F. Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: a tensão entre raça/etnia e gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 31, p. 419-437, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: editora 34, 1995.

_____. **O que é o Virtual?**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1996.

LIMA, M. A. dos Santos. **Educação bilíngüe, identidades e culturas surdas: em busca de um norte em Cruzeiro do Sul**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5040/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Maria%20Aldenora%20dos%20Santos%20Lima.pdf>. Acesso em: 29 maio 2023.

LIMA, M.C. (Org.). **Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe**. São Paulo: Plexus, 2000. p. 114-122.

LOPES, Maura Corcini. **A natureza educável do Surdo: a normalização surda no espaço da escola de surdos**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs.) *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo na educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 33-55.

LORDE, Audre. **Sister Outsider: Essays and Speeches**. [S.l.]: Crossing Press. 1992.

LORDE, Audre. Age, Race, Class, and Sex. In: McCLINTOCK, Anne et al. (Ed.). **Dangerous Liaisons: gender, nation, and postcolonial perspectives**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

LUSTOSA, Francisca Geny. **Análise do filme os melhores dias de nossas vidas: pressupostos teóricos para o debate na formação de professores inclusivos**. In: LUSTOSA; F. G; MARIANA, F. B. (Org.). *Diversidade, diferença e deficiência: análise histórica e narrativa cinematográfica*. Fortaleza: Edições UFC, 2017, p. 173-187.

LUZ, R. D. **Em busca da aparição de surdos na contemporaneidade**. Anais do Primeiro Simpósio

Internacional de Estudos sobre a Deficiência, São Paulo, SP, Brasil. 2013.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MARCIA, J. E. (1966). **Development and validation of ego identity status**. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551-558.

MARTINS, G. A.; THEÓFILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo, SP: Atlas, 2016.

Ministério da Educação, SEB, 2008.

MOURA, M.C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

MOURA, Maria Cecília de; LODI, Ana Cláudia; HARRISON, Kathryn. **História e educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais**. In: LOPESFILHO, Otacílio (Org.). *Tratado de fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997.

OLIVEIRA, G. R. et al. **Avaliação da eficiência das escolas públicas de ensino médio de Goiás: uma análise em dois estágios**. *Economia Aplicada*, v. 1, n. 2, p. 163-181, 2017. Disponível em: . Acesso em: 25 fev. 2022.

PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

PERLIN, G. **O lugar da cultura surda**. In; THOMAS, A. da S.; LOPES, M. C. (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISCISC, 2004.

PERLIN, Gladis TT. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e alteridade**. (Tese **Psicologia social: o homem em movimento** (pp. 58-75), São Paulo: Brasiliense, 1984.

PROMETI, Daniela. MARINHO, Erivaldo de Jesus. JÚNIOR, Gláucio de Castro. TUXI, Patricia. **Estudos de lexicologia, lexicografia, terminologia e terminografia das línguas de sinais**. Curitiba: Appris, 2022.

QUADROS, R. M. de. **Língua de Herança**. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. **O bi do bilingüismo na educação de surdos** In: *Surdez e bilingüismo*. 1 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Muller de (Org.). **Estudos Surdos I**. [Petrópolis, RJ] Editora Arara Azul, 2006. p.14-37.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becke. **Língua de Sinais Brasileira . Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed. 2004.

RAMOS, Marise. **Conhecimento e competência: (não) está na hora de mudar seus conceitos**. Revista do Ensino Médio, MEC, Brasília, 1 (2), out./nov. 2003.

RAMOS, Tâmara Silva; ALMEIDA, Maria Antonieta Pereira Tigre. **A Importância do ensino de Libras: Relevância para Profissionais de Saúde**. Revista Multidisciplinar e de Psicologia. Vol. 10, N. 33. Janeiro 2017 – ISSN 1981-1179.

REIS, Vania Prata Ferreira. **A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias**. Orientador: Obéd Gonçalves. 1992. 243 f. Dissertação (Mestrado Em Educação). - Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Vitória, 1992.

RODRIGUES, Carlos Henrique; SANTOS, Silvana Aguiar. **A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas**. Tradução em Revista, v. 24, p. 2. 2018.

SACKS, O. (2010). **Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos** (L. T. Motta, trad). São Paulo: Companhia das Letras.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, mai./ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 22 maio 2023.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTANA, Araceli Catieli Ferreira de. **A Importância da Comunidade Surda, Identidade Surda e a Cultura Surda**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA11_ID3508_29062020120959.pdf. Acesso em: 01 set. 2022 <https://www.clickinclusao.com/as-sete-identidades-surdas/>. Acesso em 03/04/2023.

SAUSSURE, Fernando. **Curso de Linguística Geral**. 2006.

SILVA, A. J. S.; SILVA, J. M. **Produção de textos multissemióticos no ensino de língua portuguesa: possibilidades para o letramento multimodal**. Anais do SIELP – v. 5, n.1. 2019. Disponível em: . Acesso em: 27 jun. 2022.

SILVA, L. C.; SILVA, F. D. A.; FALEIRO, W. **Educação Infantil e Educação Especial: entre as fronteiras do favor e do direito de todos às condições de cidadania**. Revista IberoAmericana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 14, n. esp. 1, p. 702-716, abr. 2019. EISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.v14iesp.1.12200

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Vilmar. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In:

SKLIAR, Carlos. **Educação & exclusão: abordagens sócioantropológicas em educação especial.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação dos surdos no Brasil** . Campinas: Autores Associados; Bragança Paulista: Edusf. 1999.

SOLÉ, M.C.P. **A surdez enquanto marca constitutiva.** Espaço Informativo Técnico Científico do Inepes, Rio de Janeiro, v. 7, p. 17-23, 1998.

STOKOE, W. (1960) **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language.** Listok Press, Silver Spring, MD.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: EDUFSC, 2008.

STROBEL, Karin Lilian. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2009. (Material disciplina Letras/Libras).

STROBEL, Karin Lilian. **Histórias dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas.** In: QUADROS, Ronice Quadros de; PERLIN, Gladis. (org.). Estudos Surdos II. Série Pesquisas. Petrópolis – RJ: Arara Azul, 2007, p. 18-37. ISBN 978-85-89002-21-9.

STROBEL, Karin. **Surdos : vestígios não registrados na história.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008b.

VIGOTSKY, Levis. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Um formulário ação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** COLE, Michael e outros (Orgs.). 7ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE

Perguntas Respostas 6 Definições

Pesquisa do meu TCC

QUESTIONÁRIO

Surd@s responder do formulário da minha pesquisa! Grato!

Descrição (opcional)

1- idade?

Texto de resposta curta

2- Sexo

MASCULINO

FEMININO

NÃO BINÁRIO

OUTROS

3- Você conhece as leis para os surdos?

SIM

NÃO

4- Você participa da associação e do movimento surdo?

SIM

NÃO

5- Você estimula a cultura surda, teatro, literatura, etc?

SIM

NÃO

6- Você sabe Português escrito e suas regras?

SIM

NÃO

7- Você é fluente em Libras?

SIM

NÃO

8- Você nasceu surdo?

SIM

NÃO

9- Você nasceu ouvinte e depois perdeu a audição?

SIM

NÃO

10- Você sabe fazer leitura labial? (boca)

- SIM
- NÃO

11- Você é oralizado?

- SIM
- NÃO

12- Você se comunica bem com ouvintes que não utilizam a Libras?

- SIM
- NÃO

13- Você se aceita como surdo?

- SIM
- NÃO

14- Você se sente inferior aos ouvintes?

- SIM
- NÃO

15- Você gostaria de ser ouvinte?

- SIM
- NÃO

16- Você prefere estar em um grupo de surdos ou ouvintes?

- GRUPO SURDO
- GRUPO OUVINTE
- GRUPO MISTO

17- Na infância você se comunicava bem com sua família?

- SIM
- NÃO

18- Você já foi chamado de louco e vivia preso dentro de casa?

- SIM
- NÃO

19- Você se comunica com surdos de outros estados, regiões e países?

- SIM
- NÃO

20- Você, desde a infância, teve contato com outros surdos e com a Libras ?

- SIM
- NÃO

21- Você é deficiente auditivo (D.A)?

SIM

NÃO

22- Usa aparelho auditivo ou implante coclear?

SIM

NÃO

23- Você acha importante ter intérpretes de Libras?

SIM

NÃO